

Jan 1933

**CENTRO DOM VITAL  
BIBLIOTECA**

1094  
1974

2935

**DESPERTAR OS ADORMECIDOS**

Neste anno, que óra se inicia, commemoramos o maior centenario dos tempos modernos. Ha 1900 annos que Nosso Senhor expirava na Cruz, dando o seu sangue innocente pela redempção de todo o genero humano. E que tem feito o genero humano, durante esses 19 seculos, para corresponder a esse Sacrificio inaudito? Que têm feito os homens para arrancar de sua alma a semente envenenada do peccado? Que têm feito os Estados para ajudar os homens a subir o arduo caminho do seu calvario?

Desde então, no intimo de cada alma individual e no ambito de cada nação, synonimos se tornaram a elevação espiritual e o cumprimento da lei christã. A irradiação dessa lei de penitencia, de caridade e de paz tem acompanhado ao longo da historia e ao largo dos continentes, as vicissitudes de elevação e de decadencia por que vem passando o genero humano, em sua marcha penosa ao correr dos tempos. Certamente não é possivel traçar uma linha unica, em que se confundam, a cada momento, o rythmo religioso e o rythmo historico. Seria uma simplificação arbitraria da historia humana, em que se entrecruzam toda a sorte de linhas, em tres planos principaes: a historia da humanidade em bloco; a dos povos em particular; e a da alma humana emfim, em sua irreductibilidade singular.

Em relação á historia da humanidade, considerada como aquelle "corpo unico", de que falaram Vicente de Lérins e alguns seculos mais tarde Pascal, o rythmo de expansão da lei de Christo tem sido um pouco semelhante ao rythmo physiologico do coração humano: distensão e contracção.

Contracção inicial em torno do Mestre ainda vivo; distensão pela dispersão dos apóstolos após a Sua morte e em obediencia ás Suas palavras.

Contracção, em seguida, no centro do Imperio Romano, pelo prestigio crescente do Bispo de Roma e pela conversão da propria Autoridade Imperial; distensão ao longo dessas tribus pagãs que se infiltraram no Imperio, desmembraram-no e receberam-lhe a herança.

Contracção no Imperio Carolingio, quando o ideal da unidade christã, politica e espiritual, attingiu á sua culminancia; distensão, em seguida, pela formação das nações mo-



dernas, pelos schismas do Oriente e do Occidente, pelas grandes descobertas geographicas do seculo XVI em que a Cruz seguiu sempre as caravellas e as expedições guerreiras ou economicas.

Contracção, no seculo XVIII e grande parte do seculo XIX, como defeza contra os ataques tremendos da impiedade que lançou então contra a Igreja as suas forças mais agueridas, arrancando afinal a propria liberdade do seu chefe terreno; distensão nos decennios mais recentes, em que a irradiação da Fé pela obra missionaria, a conquista dos povos pagãos, e a reconquista das elites em muitos continentes vêm compensar, em parte, a apostasia das massas obreiras, trabalhadas pelo fermento revolucionario, que o materialismo requintado das elites intellectuaes e das camadas burguezas lhes communicaram.

Essa systole e diastole da lei christã tem sido a sua historia na conquista do genero humano. Lucta continua que nós sabemos não ter fim, antes que se cumpram as prophecias apocalypticas.

O quadro se complica, ao passarmos do rythmo universal da especie humana á linha evolutiva de cada povo. Inutil, ahi, qualquer generalisação. A menos que não acceitemos, em vez daquelle rythmo secular de contracção e distensão, a marcha ascendente a principio e descendente em seguida, que uma simplificação excessiva poderia enxergar na historia das nacionalidades, quanto á sua formação christã. Mas a realidade é mais complexa e cada povo offerece particularidades especiaes, tanto mais quanto póde ser sempre considerado, como Nação ou como Estado, e variando assim, de modo sensível, a qualidade de sua formação ou deformação christã. Ao mesmo tempo que povos, tradicionalmente religiosos, como Estado e como Nação, taes como a Espanha, a Russia ou o Mexico, estão hoje entregues á mais desbragada demagogia atheista, tanto entre dirigentes como entre dirigidos, — assistimos á expansão surprehendente de nacionalidades catholicas como a Italia e ao progresso religioso notavel de todas as comunidades catholicas nas nações protestantes, Allemanha, Inglaterra, Estados-Unidos ou Hollanda. Ao passo que a lucta entre a Nação e o Estado continúa na França ou nas nossas republicas sul-americanas, em que a politica militante está na mão de minorias agnosticas, quando não anti-christãs, como se vê na votação de leis condemnadas pelo Direito e pela Moral, no Perú, no Uruguay ou na Argentina, e pela oscillação entre o liberalismo religioso de uns e o sectarismo laicista de outros, nos meandros da *nossa* politica "revolucionaria".

A lucta pela implantação, reimplantação ou defesa da lei evangelica no direito dos povos, continúa, como continúa o rythmo de avanço e recuo da Igreja na historia da humani-



dade. Mas, em geral, é sombrio o quadro que nos cerca e o ambiente geral, trabalhado por seculos de libertação integral do ser humano, em seus instinctos mais elementares, ou de orgulho de sua Razão, em suas imposições mais formaes, não é de modo algum favoravel a essa espiritualisação da lei que a regra christã exige das nações e dos Estados.

E o homem? E nós, em nossa tragica lucta individual contra isso tudo que vicia o ambiente, que provoca as perseguições, que espalha o indifferentismo, que subleva as massas e desperta os instinctos de gozo ou desespero? E nós catholicos, herdeiros dessa missão divina, depositarios daquelle sangue precioso que ha 1900 annos foi derramado na Cruz pela redempção de *todos* os homens, mas de que somos os principaes responsaveis? Seremos acaso fieis ao nosso dever? Estaremos acaso á altura da nossa tarefa? Poderemos amanhã ou mesmo agora aguardar tranquilos o julgamento supremo e definitivo?

Ai de nós, herdeiros infieis da fibra dos santos, como estamos longe, miseravelmente longe da nossa missão! Difficillima nos parece, quando damos ouvido á nossa covardia humana; mas facillima nos seria, se ouvíssemos e procurássemos entender profundamente e seguir a Voz que ha justamente dezenove seculos lançou o seu appello aos homens de boa vontade.

Mas estamos dormindo enquanto o Inimigo vela. "Are we of the Church Dormant or not?", pergunta o "Commonweal" norte-americano, no seu artigo de fundo ao iniciar este novo anno e commentando o artigo que sob o titulo "The Church Dormant", escreveu o P. Keating S. J., no "The Month", orgão dos jesuitas inglezes, de Dezembro. Este caracteriza ahi, com muita oportunidade, as falhas tremendas de todos nós, catholicos, e particularmente daquelles "catholicos nominaes", que enchem as nossas fileiras de unidades inuteis e mesmo contraproducentes, pois como diz com toda a razão o Father Keating, "o máo catholico é mesmo um inimigo peor para a Igreja que o incredulo". E se todos somos catholicos máos, se compararmos a nossa miseria á alma dos santos ou aos preceitos e conselhos de Christo, os máos catholicos, entre nós, são da classe ainda mais responsavel pelas sombras que cada vez mais nos cercam. Pois, como diz o Father Keating, "para candidatar-se ás fileiras da Igreja Dormente, não é preciso ser inteiramente reprovado. Essa divisão da Igreja inclue, na verdade, aquelles que negaram a Fé... que são catholicos apenas de nome, mas cuja conservação do nome traz consigo vergonha e descredito. Esses catholicos nominaes estão, na verdade, adormecidos, por mais multiplicadas e intensas que sejam as suas actividades seculares, pois têm os olhos fechados para os verdadeiros valores espirituaes".



Ah, como a carapuça cabe bem em nossas cabeças! Como é realmente na Igreja dormente que nos vemos alistados, ao passo que tudo exigiria e está exigindo de nós, cada vez mais, o exercicio da Igreja Militante!

Bem sabemos como é mil vezes mais facil criticar que fazer e como aquelle que critica encontra sempre outro mais exigente que o censura por aquillo mesmo que elle objecta nos outros. Mas não é motivo para fecharmos os olhos á onda tremenda de indifferença que, apesar de todos os symptomas animadores que nos apontam e realmente existem, vemos cada dia mais recobrir as fileiras dos nossos companheiros "nominaes".

Sempre foi esse o mal secreto do catholicismo brasileiro: o contraste entre nucleos reduzidos de batalhadores infatigaveis e de fieis admiraveis, pela sua coragem e pela sua fidelidade á lei de Christo, ante as maiores difficuldades da vida, — e a massa dos amorphos, dos "nominaes", dos indistinctos, que engrossam as procissões mas rareiam na hora da lucta ou simplesmente do... alistamento. E o mais impressionante, (se bem que não surprehendente, pois vem apenas renovar, mais uma vez, o exemplo de todas as sociedades e classes decadentes, por excessos de bem estar material e de requinte literario) — é que esse nominalismo catholico grassa, de modo mais alarmante, na chamada "alta sociedade". E' ahi, nessa burguezia rica e viciada por todos os males modernos, penetrada por todos os sophismas, minada por todos os desvios da intelligencia e do corpo, que vamos encontrar a grande massa desses "catholicos nominaes", que perderam toda a comprehensão do christianismo e delle guardam apenas essa exploração indigna, que é a religião baseada apenas na *respeitabilidade*, nas apparencias sociaes.

E' preciso que os Savonarolas desta hora tragica e decisiva da civilisação, despertem com os lategos da sua eloquencia e o exemplo da sua penitencia, a esses filhos infieis da Igreja, que della apenas se servem para cohonestar a sua triste existencia e melhor proseguir na sua vida de inutilidade e de hypocrisia. E' preciso que os mais puros, os mais fieis, não tenham receio de chocar as conveniencias, de intimidar os tibios ou de reduzir mesmo as nossas fileiras, pela repulsa aos aproveitadores da religião, mostrando a nú as chagas dessa sociedade carcomida que marcha para o matadouro com a inconsciencia de pobres animaes. Não podemos nem devemos condemnar a "burguezia", em bloco, pelo modo simplorio com que a condemnam, embora por outros motivos, os socialistas. Nella se encontram valores admiraveis, penetrados do mais puro espirito christão e que mostram, não apenas por palavras, mas por actos, que são ainda a esperança de nossa civilisação, ante as ameaças que lhe vêm dos novos barbaros, que nada mais são aliás do que os discipulos



fiéis dos nossos erros intellectuaes e dos nossos desvios moraes. Não podemos, portanto, equiparar burguezia a catholicismo nominal. Mas, infelizmente, a verdade exige que se diga que é no seio dessa burguezia, da mais *alta* burguezia, que está o fóco mais infeccionado, de toda essa gangrena que ameaça apodrecer toda a nossa sociedade. E' nella que encontramos espalhada essa lepra terrivel do *egoismo*, sob todas as formas, que nos vae devorando. Egoismo sexual, que vai limitando cada dia mais as familias, sobretudo aquellas, em que nenhum motivo economico ou ethnico poderia, mesmo aparentemente, justificar o uso e o abuso dessa forma, outrora secreta e hoje cynicamente confessada e até *louvada*, de auto-aniquilamento. Egoismo economico, que isola as classes, que espalha a ambição do ganho, que consagra os males economicos do individualismo rotulando-o com nomes mais pomposos e modernos de "economismo" ou de "racionalização". Egoismo intellectual, que liberta os instinctos, que faz da arte um annexo das alcovas suspeitas, que merca-deja as pennas, que escravisa a intelligencia ás modas litterarias do momento que passa, Egoismo politico, egoismo moral, egoismo internacional, egoismos de todos os matizes, que outróra se escondiam envergonhados, (como no caso mais grave dessa alta burguezia decadente, o anti-concepcionismo, o "birth-control") — e hoje procuram amparar o seu egocentrismo covarde nos sophismas dos "eugenistas" ou dos sophistas de todos os tempos, mas sobretudo das eras de decadencia ou de covardia social como a nossa.

Esse triste balanço da nossa alta burguezia, na maioria esmagadora de seus representantes, é o que encontramos ao observar os fócos mais perigosos do nosso "catholicismo nominal". Pois toda essa burguezia deschristianizada, pagani-sada, esqueceu o catecismo, não acompanha, nem por leitura, as luctas da Igreja contra o Seculo, e separou, na sua vida individual, os interesses do corpo, que lhe são preciosos e irreductiveis, dos interesses da alma, que lhe são secundarios e indifferentes. Toda essa burguezia perdeu a Fé mas ainda não tem coragem de o dizer, pois ir á Igreja, baptisar os filhos, chamar o padre, para acompanhar os enterros, e mandar celebrar missas de setimo dia, faz parte das ceremonias sociaes, no mesmo nivel de trajar á moda, mandar cartões de pezames e fazer visitas.

E assim se engrossam as fileiras do catholicismo convencional, que dá a illusão do numero e que no fundo, como diz o articulista inglez, é mais inimigo da Fé do que os proprios incréos.

Contra esse catholicismo de parada é que precisamos assestar as nossas baterias, afim de seccionar realmente os membros mortos e despertar naquelles em que ha apenas um



adormecimento momentaneo, a consciencia das tremendas necessidades dos dias que correm.

Tenhamos consciencia nitida dos perigos que nos cercam, das responsabilidades que pesam sobre nós, dos deveres que nos competem. Luctemos sem esperar recompensas nesta terra e sem desanimar deante dos mil motivos de pessimismo que a cada momento surgem em torno de nós. Sigamos para a frente, nessa tarefa incessante de arrancar a nossa vida, como homens e como nações, a essa tremenda inclinação para o Mal, que hoje em dia os primarios ou os sophistas procuram justificar, rotulando-a de nomes pomposos ou enganadores, como "espirito moderno", "libertação da intelligencia", "conquistas da sciencia", e nada mais são do que a victoria das trevas e do Principe do Mundo.

Sejamos humildes e perseverantes. Começemos sempre por olhar para os nossos proprios erros, antes de censurar os alheios. E reconheçamos que o *somno* dos catholicos é a maior arma dos nossos inimigos. Por isso mesmo, tomemos o compromisso sagrado, aos pés dessa Cruz onde ha dezenove seculos expirava, por nós, o proprio Verbo de Deus, de dedicar este Anno Santo á tarefa, imprescindivel e urgente, de *despertar os adormecidos!*

---



# POR QUE TANTA FROUXIDÃO NO COMBATE AO BOLCHEVISMO?

FREDERICO MUCKERMANN, S. J.

Será somente medo, ou covardia ou desespero? Em todo o caso é um facto que a Europa mal se defende contra o seu inimigo figadal do Kremlin.

Esta affirmação poderia a muitos parecer estranha. Pois não estão os jornaes cheios de noticias sobre a Russia, não ha por ahi uma multidão de agencias que recolhem material de propaganda, não se vive a falar contra esses perversos bolchevistas em centenas de reuniões? Já não se mobilizou a telegraphia sem fio? Já não existe toda uma bibliotheca de literatura de combate, um arsenal recheado de armas da sciencia e da agitação?

Tudo isto é certo. Entretanto de que serve tudo isto, se não se conseguiu impedir a marcha victoriosa do communismo, rumo á revolução mundial?

A pouco e pouco os despotas de Moscou entabularam relações de commercio com quasi todo o mundo. O resto é evidente: onde ha commercio russo, existe e floresce tambem a sua propaganda. Não falemos já das massas operarias.

O que mais admira é que tenham logrado fundar suas cellulas até no meio das classes conservadoras da Europa. Conseguiram attrahir intellectuaes e notaveis escriptores para advogados da sua causa. Litvinoff discursa na Liga das Nações como o faria um fino diplomata da escola antiga. E não hão de faltar bolchevistas nas commissões internacionaes de organização economica...

Poderia desejar-se em Moscou successo mais promettedor?

Como explicar esse paradoxo? Por um lado o bolchevismo é considerado o maior perigo da civilização presente, e, por outro lado, galanteia-se atrevidamente com o inimigo, e conservam-se trunfos para o caso da queda. Quem sabe o que está para succeder?... Quem nos afiança que mais uma vez os cossacos não farão os seus cavallos beber as aguas do Rheno? Antes de tudo é preciso cautela.



Tempos de transição, como o nosso, acarretam mudanças de formas de governo. E' bom garantir-se por todos os lados: é muito possível que o "coolie" de hoje seja o ministro de amanhã.

Não vale a pena fazer inimigos, Já que cabeças teem de rolar, não vemos porque hajam de ser justamente nossas.

Este pavor europeu nos faria rir, se não fosse motivo de tremenda tristeza. Pois não ha a menor duvida que o perigo bolchevista só acha termo de comparação no perigo mussulmano que outrora avassalou a Europa, ou nos incendios dos hussitas que devastaram regiões inteiras.

Bolchevismo quer dizer *fim da liberdade, fim da familia, fim da cultura europea, fim do christianismo*, uma enormidade abominavel que os homens das nossas regiões mal podem representar na fantasia.

Será util inquirir por que tão frouxamente pelejamos contra o bolchevismo?

Abrir-se-ia ao menos caminho a uma actividade mais intensa na defesa do Occidente.

Se perguntarmos a um dos industriaes, que entreteem transacções com a Russia, que idéa faz do communismo, responderia talvez que ha, certo, algo de problematico; apesar de tudo lá se edifica uma economia nova. E' bom, por isso, accordar cedo para não chegar tarde demais.

A idéa de que o bolchevismo, afinal das contas, não passa de um systema economico seguido embora de algumas consequencias um tanto asiaticas, é muito commum entre os sociologos e nos meios cultos em geral. A' nova geração, alem desta idéa inflama uma certa esperança de que lá se prepare o systema do futuro. Purificar-se-ia da escoria da revolução, para, depois, já na sua forma acrisolada, remir a humanidade. Quem é que não sente que o systema capitalista está nas ultimas e que até Roma já fala de um novo systema economico?

Nesta maneira de ver, é incontestavel que a luta contra o Bolchevismo se trava no campo da economia. As idéas economicas foram libertadas de todas as reliquias da mentalidade antiquada: este movimento se realizou radicalmente na Russia, emquanto que o Occidente ainda está longe de tirar delle as suas fecundas consequencias. Pois, de facto, lá se cogita em crear uma nova ordem economica, novos methodos de proporções gigantescas. Supponhamos que dê resultados aquella empresa, admittamos que logre seus fins o plano quinquennal, — ao menos parcialmente — qual seria a consequencia? Sem duvida uma concurrencia cada vez mais perigosa á economia do Velho mundo, que está assente em base capitalista. Além disso, um augmento da miseria que hoje universalmente lastimamos. A producção de generos cresceria desmedidamente. O desemprego tomaria propor-



ções cada vez mais assustadoras. Impossível se tornaria qualquer concorrência. Nossas cidades industriaes transformar-se-iam em desertos.

Massas inteiras condemnadas á emigração. Toda uma civilização privada do apoio de seu fundamento economico. Estaria acabada a supremacia da Europa.

A hegemonia da raça branca impossível de manter-se.

E, agora, pergunta-se: já consideraram tudo isso aquelles industriaes que se mettem em taes negocios, já de si duvidosos?

O que succederia fatalmente, caso tivesse exito o plano quinquennal, forçosamente havia de acontecer, caso elle mallograsse. E a razão é que os communistas não se importam tanto com o plano de uma nova economia como da *revolução mundial*. Dizem elles, de si para si, que só se poderia instalar um aparelho genuinamente bolchevista da sociedade, depois da aniquilação do capitalismo. Provisoriamente estamos num estado intermedio: nelle apresenta-nos a Russia um plano economico de feitio capitalista. Nesse plano entram relações amigaveis com os paizes do Occidente. Entretanto ninguem se illuda: nesse plano o que está em primeira linha é a propria *destruição do capitalismo*.

De modo que em ultima analyse, não se lhes dá de levantar a propria economia interna, mas tudo isso não é senão um meio para attingir a aniquilação do sistema capitalista. Pouco se lhes dá que seu povo passe fome, que ande mal vestido, que seja forçado a morar em cavernas medonhas, contanto que o trabalho forçado desse povo-escravo faça baquear o grande inimigo. Embora os fins mais remotos da sua pretensa reconstrucção não se lhes deparem nitidamente, do termo proximo de sua actividade teem clara evidencia.

A coisa é tão importante que se nos impõe prova-la com uma citação tirada dos escriptos de Lenine. Acha-se no vol. 18 de suas obras, parte I. pags. 111, 321, 362 e 436 (edição russa): "*Bolchevismo quer dizer ataque*. Este ataque não requer consideração, nem calculo. Ataca-se, provoca-se uma subversão e vê-se o que urge fazer. Tenta-se organizar o regimen comunista; se este passo mallogra, desapropriam-se, pelo menos, os proprietarios e capitalistas: eis o meio para criar as premissas da nova cultura comunista.

A revolução originada por este processo não demorará em se transformar numa revolução genuinamente proletaria e socialista. Mas, se, apesar de tudo, ainda fallir, não faz mal. Está-se a recolher experiencia instructiva para a resolução vindoura que ha de triumphar".

... Assim fala Lenine, o Mestre. De conformidade com isto, os grandes jornaes bolchevistas tratam incessantemente de subversão, de incendio mundial, nunca, porém, de maneira nitida, da futura organização.



Por amor a este fim proximo, arriscam mesmo, e seriamente, todos os outros fins mais remotos. Seus "dumpings" não aspiram a responsabilidades em economia interna.

Não lhes dóe na consciencia a organização methodica da rapina. Criam-se industrias, não tendo em conta o que contribue para o maior proveito do paiz, mas com preocupações inteiramente diversas, isto é, abater pela concurrencia o adversario odioso, o mais depressa e seguramente possivel. Mercados estrangeiros, como o da China, da India, da Indochina, não se conquistam conforme os principios de economia, pelo contrario, são perturbados, inquietados, somente para tornar estes mercados menos lucraticos para o capitalismo.

Nem a troca de productos com os paizes occidentaes se realiza segundo considerações economicas. Pois o fim dos amigaveis tratados commerciaes não é ajudar a economia mundial, mas arruina-la como se conseguiu, por exemplo, em larga escala, no mercado da lenha.

Uma vez comprehendido este principio, desvanece-se qualquer *illusão de que na Russia se elabore um novo systema de economia*. O que lá se poderia aprender em technica de economia methodica pode-se estudar não menos bem e até melhormente no "J. G. Farbenkonzern" ou num dos grandes "trusts" internacionaes. O que se apregoa como nova ordem bolchevista não passa de aldeias de Potemkin (1).

O negocio é afinal muito menos complicado do que parecem exprimir os estrangeiros com que os scientists occidentaes tanto se comprazem. Um simples senso de camponio basta perfeitamente para sua explicação.

*O bolchevista quer a revolução mundial.* Neste intuito constróe, quanto mais depressa pode, algo com que perturbar e arruinar a economia do occidente; para realiza-lo precisa dessa mesma economia, do seu dinheiro e dos seus engenheiros.

A estes aluga-os a custa do dinheiro que os "dumpings" lhe fornecem para que lhe prestem auxilio no suicidio da economia capitalistica. Se estes bolchevistas fossem homens que fizessem caso da ethica, etc., provavelmente occultariam seus intentos; barbaros, entretanto, com a simples mentalidade de camponeses, e dotados alem disso de instinctos rapaces bem desenvolvidos, sabem muito bem que é tão grande a concurrencia entre as nações da terra e tão seductor o engodo de ganhar muito, que o economista mediocre da velha Europa, (dado tambem o transe angustioso dos nossos dias), se atirará soffregamente a cada isca que se lhe deite, semelhante ao lucio que tambem engole tantos peixes que afinal acabam por afogá-lo.

(1) N. R. — Potemkin, favorito de Catharina II, apóz a conquista de varias regiões do sul da Russia, construiu aldeias só com fachadas de edificios, para dar illusão de grandeza á ambiciosa czarina.



Este proceder da economia sovietica poderá continuar enquanto perdurar o terror nos dominios russos. Se lograr ou não lograr exito o plano quinquennal, isto não é decisivo para o plano sovietico. Se esse meio falhar, acertar-se-á um outro, como aliás já se processou varias vezes uma mudança de cambio na economia.

*O terror*, entretanto, está organizado de tal maneira que não ha lugar nem de longe para pensar na possibilidade de ser dominado pelo povo oprimido na Russia mesma. A Tcheka e a G. P. U., que lhe succedeu, são tão bem constituídas, e com tanta astucia e crueldade, como o podem realizar homens cheios de um odio contra a sociedade. Este odio se exasperou com uma prisão politica e exilio de muitos annos e em cerebros disciplinados por decennios de convivencia no meio de um mundo de criminosos. Com tal horroroso instrumento de terror, torna-se possivel conter as massas e obrigá-las a força ao trabalho. Todo este povo de 160 milhões assemelha-se, hoje, a uma *massa condemnada ao silencio pelo terror*; massa que tem de curtir fome, para que aquelles poucos que a refreiam consigam o fim da revolução mundial. Sabemos por meio de cartas que, apesar de tudo, saem clandestinamente da Russia, como este povo está constrangido a calar e a soffrer. Sabemos que cerram os punhos contra seus oppressores, sabemos que ha brigadas armadas junto a cada fabrica para obter, á força de ameaças continuas, a prestação do trabalho.

Sabemos de quanto odio se fazem credores aquelles europeus que, pela sua collaboração em executar o plano quinquennal, ajudam a perpetuar este terror. Este odio se dirige no tempo presente especialmente contra os allemães, que hoje semeiam na Russia o que quiçá os nossos filhos hão de colher entre horrores.

Invariavel perdura este terror na Russia, hoje como no primeiro dia, antes hoje mais temeroso, porque mais bem organizado. Por este terror vem ao bolchevismo aquella rigidez que exclue inteiramente qualquer evolução e muito menos uma depuração. Sonho vão é portanto o que muitos moços sonham. Ver um dia levantar daquellas cinzas uma phenix. Impossivel!... O montão de cinzas na Russia só pode crescer. Quasi de todo supprimidas a espiritualidade e a arte, que no principio mostravam certo adeantamento, e embotados os impulsos nobres da natureza, pela ansiedade geral e a brutalidade do puro technicismo economico, não resta senão uma massa macerada, cansada, torturada, desesperada. Embora haja aqui e ali uma excepção a esta regra, embora reivindique a natureza seus direitos duma ou doutra maneira, em regiões em que porventura seja menor o terror e esteja distante o Kremlin, uma felicidade quieta não ha, e ninguem está seguro das terriveis garras da G. P. U. Pelos



jornaes se prega a este povo que a humanidade occidental é muito peor. Por outro lado, a verdade não consegue ali penetrar. Os engenheiros estrangeiros se vêem na impossibilidade de inteirar o povo do que se passa cá fóra. Os proprios funcionarios da Russia sovietica se compromettem, por meio de pactos formaes, a calar ao menos durante dois annos sobre a situação européa.

De tudo isso resulta na população um desespero, uma especie de frenesi a que só a religião, que clandestinamente continua a existir, é capaz de offerecer um lenitivo.

Um dia tambem esta consolação ha de desaparecer: pois está-se a prever o tempo em que já não haverá na Russia quem annuncie o Evangelho.

Este terror deve ser mantido custe o que custar. Com elle o bolchevismo estará de pé; sem elle o bolchevismo ha de cahir. De tal sorte se acha solidario com o processo economico que este ficaria paralyzado, logo que cessasse o terror.

E' difficil conceber que alguém se encha de coragem para entrar na herança desse governo, ainda na maior probabilidade de surtir effeito uma contra revolução.

Todo aquelle apparelho em que a deshumanidade está organizada, desde logo estaria abandonado e deserto...

A escravidão moderna não se poderia eliminar de um dia para o outro, da mesma sorte que o Christianismo não conseguiu abolir a antiga de um só golpe.

Se algum successor no governo a tentasse, não tardaria a sobrevir a ruina de todo o pais da Utopia. E com elle um tal chaos que uma nova dictadura teria de introduzir novamente o terror. Sabe-se disso perfeitamente em Moscou e por isso não se teme um successor mais humano. Uma consequencia da necessidade de manter este terror é a *extincção de toda e qualquer religião*. Não admira, pois que a religião foi em todos os seculos o refugio da personalidade humana, sempre foi a religião que tornou absurda e impossivel a tyrannia absoluta de um homem sobre outro homem. Por mais que se fale sobre as pretensões do Papado e sua avidez de mando em tempos remotos, sabe-se hoje que a victoria de Gregorio sobre Henrique IV foi uma *victoria da liberdade do homem*.

Por sua vez, o ultimo termo de uma evolução que abole o dominio de Deus será a revolução sem fim contra o homem. Desta revolução não resta outra saida que não seja a *victoria da força e da brutalidade*.

Entreabre-se nesta altura a visão daquillo que no bolchevismo se pode chamar de satanico. Consequencia da perversidade de seus principios, esta ordem economica tende a conduzir, por necessidade essencial, á lucta, por meio do terror, contra a religião, e lucta de exterminio. Com isto despertam



nelle novas energias sinistras. Pois, esse odio não é somente o odio ao homem e á sua liberdade, mas odio contra a propria garantia do homem e da sua liberdade, que é Deus.

Por isso encontramos já em Lenine tamanho odio. Conta Trotsky como este espirito sinistro, sisudo, insistiu em que se promovesse por todos os meios o exterminio da religião, embora differentes os pontos de vista por que este exterminio recommendavam aquelles potentados.

Estava elle profundamente arraigado, por necessidade interior, no amago do systema.

Mais uma vez encontramos-nos em um terreno em que florescem mal entendidos ideaes. Diz-se que o odio contra a religião se propaga porque esta *anesthesiou os homens* (principalmente na Russia) *contra o progresso material*.

De facto as illustrações da revista dos "Sem Deus" sempre apresentam quadros novos, que encantam pelas suas bellas casas, fabricas illuminadas, a technica brilhante, podendo-se ler como epigraphe — "Nada disso vos deram os pops. Elles vos deram a fome, o desabrigo e a esqualida miseria".

Embora tal pretexto tenha correspondido, ás vezes, á realidade e recebido assim o cunho de responsabilidade pessoal, comtudo não poderá servir de fundamento a mais do que em si contem. Inconcebivel ser elle a razão sufficiente de um terror que torna a lançar um povo inteiro no estado de escravidão. Não se trata só disso; está em jogo o poder e o dominio social.

Trata-se de *Lucifer que combate contra Deus*. As mesmas energias que em sentido positivo se chamam heroismo e santidade, aqui se tornam factores da aniquilação em sentido negativo. Estamos em uma noite em que mora o horror: a consciencia cauterisada, em que o sangue do innocente Abel brada aos ceus e Caim errante sem cessar, vagueia para longe.

Estamos deante de um mysterio que constitue propriamente o *enigma do bolchevismo*. Nenhum enigma entretanto acharia aqui a fé da Idade Media.

Crete como era, teria comprehendido tambem a incredulidade. Porque conhecia a graça, tambem teria presenciado a maldicção. Mas ao espirito que hoje sopra pelo mundo está vedado este conhecimento.

Consequentemente tambem não comprehende o desmesurado dos horrores que o bolchevismo nos acarretará. Impossivel fazer comprehender a este typo de sceptico moderno o que nisto se resume. Narram-se-lhe historias de horror: sacode a cabeça, tendo-as por exageradas... contos do arco da velha. Que no começo da era bolchevista houvesse disso, talvez conceda. Hoje, no emtanto, já não é assim; já não se podem apresentar em publico taes lendas. Ora, o que acontece é justamente o contrario. Os horrores de hoje são peores



que os anteriores. De resto a intensidade maior ou menor importa pouco porque o phenomeno como tal significa uma *violentação constante do homem*.

Diz-se tambem que a campanha anti-bolchevista perde todo o sentido, desde que o systema capitalista não espalha menos horrores. Nisto ha alguma coisa de verdade. Chega mesmo a dificultar nossa luta contra a Russia. Esta luta, embora comprehendida por motivos completamente diversos, leva comsigo involuntariamente uma *corroboração do capitalismo*. Justamente os melhores dentre nós hesitam na luta por esta causa. Tambem não podem fechar os olhos deante do facto de se acharem entre os pregadores das idéas sovieticas figuras de character moral duvidoso. Como quer que seja, o certo é que existe uma differença notavel entre o *capitalismo do Occidente* e o *bolchevismo do Oriente*.

O Bolchevismo é inimigo de Deus por natureza. O capitalismo não o é necessariamente. O bolchevismo destroe consciencientemente toda a cultura por mais elevada que seja.

O capitalismo entretanto, ao menos em grande parte de seus representantes, ainda se julga obrigado a apoiá-la. O capitalismo nem é, por emquanto, perseguidor da Igreja, como vemos que o é o governo russo. O capitalismo tem na Europa suas forças antagonicas, que o constroem e o valorizam como factor da evolução que, a seu lado, determina a sorte da humanidade. Na Russia só ha uma religião que se póde expandir: o *odio a Deus*. O capitalismo, a par de seus peccados, tem tambem seus merecimentos. Promoveu o bem estar das massas populares durante muito tempo. E, antes de tudo é o *unico systema economico* por ora que merece este nome. O bolchevismo nem sequer é um systema de economia.

Até agora só fez lançar os homens na miseria. E' duvidoso que possa no futuro dar a seus escravos sequer um pedacinho de pão. Certamente não o poderia, se o capitalismo não lhe prestasse seu auxilio. Certo, o *capitalismo está para o bolchevismo como o pae para o filho*. Mas filho que recebeu do pae só as fraquezas e os crimes. Emquanto viver, quem sabe se o pae não cairá em si com a vista de tal filho? Em todos os casos, o fato de ter o capitalismo a consciencia carregada de peccados, não nos deve impedir de afastar o bolchevismo como mal peor.

E antes de tudo, o capitalismo está longe de ter exgotado as suas capacidades de evolução. Não é tão difficil satisfazer a toda aquella serie de exigencias apresentadas entre as propostas da Conferencia economica mundial e as numerosas sessões que desde então se teem realizado. Essas exigencias dependem sobretudo de uma sincera collaboração internacional, a qual se impõe por si mesma em frente da complexidade dos dominios economicos da terra. Nesses conventos inter-



nacionaes podiam-se elaborar muito bem planos de economia systematica, que deixem margem assaz larga á iniciativa emprenhedora e á liberdade necessaria de producção. Numa palavra, ainda se poderia adaptar outra vez o edificio economico á linha da natureza, de sorte a que este appareça, ainda na sua maxima complexidade, como desenvolvimento da base offerecida pela mesma natureza.

Um dos muitos exemplos de que não falta esta comprehensão, temos em Alberto Thomas, do Bureau Internacional de Trabalho, que, ha pouco ainda, formulou cautelosamente postulados muito prudentes a respeito; mas o que falta é a boa vontade.

A desconfiança por parte da politica não desaparece. Não se executa o que se considera necessario, mas condemnam-se as iniciativas a uma morte suave no mecanismo burocratico das sub-commissões. Comtudo pode-se esperar que vigorosas energias constantemente a se concentrarem em torno de uma reforma, e alem disto a miseria cada vez mais crescente, ao lado dos impulsos ideaes que se irradiam da nova Encyclica, sustem o desmoronamento. Pode mesmo dar-se que ainda capacitem o systema de hoje, mas já mudado, a satisfazer ás necessidades da humanidade.

O bolchevismo não possui entretanto tal capacidade de evolução, como já previa o General Hoffmann muito claramente ha annos. A razão desta esterilidade está em que sobre elle não agem as forças da natureza; pelo contrario, desde o começo poz-se elle em opposição á natureza, e desta maneira, vê-se obrigado a manter o *estado anti-natural* por um constrangimento continuado. Quem, pois, em conclusão levasse assim a luta contra as excrescencias do systema capitalista, quem, sem mais nem menos, o fizesse em pedaços, antes de substitui-lo por cousa melhor, mau serviço prestaria á humanidade. Seria um anarchista a complicar o caso. Trabalharia não contra, mas a favor do bolchevismo.

O que primacialmente difficulta a luta contra o bolchevismo é o facto funesto de ser impossivel desvencilhar a verdade da parolagem da propaganda bolchevista.

A Russia de hoje tornou-se a ultima moda. E assim já vemos como os dois inimigos figadaes, — o capitalismo occidental e o tão odioso bolchevismo de outrora—conferenciam pacificamente na Sociedade das Nações, lado a lado. Tambem os socialistas religiosos não deixam de afagar o pensamento de que o tão ultrajado bolchevismo seja uma redempção da profunda miseria. Quem patrocinar uma idea como a que se acha exposta neste artigo deve saber de antemão que vae ficar mais ou menos isolado. Os emigrantes não falam. E quando falam, são postos á margem com a formula barata de “psychologia de emigrantes”. Naturezas de en-



vergadura poetica, utopistas sociaes e mysticos — que os ha a granel em tempo de miseria — deliram em sonhos messianicos e illuminam com suas fantasias radiantes o edificio sombrio do Kremlin; como se, apezar de tudo, a Russia nova houvesse de dirigir de lá sua palavra á humanidade, como a formulou outrora Dostoiewsky: a palavra da confraternização.

E' quasi impossivel fazer frente a todas essas fantasias, especialmente porque se é desde logo lançado no fogo da demagogia que por sua vez exige grande dispendio de energia de nervos sãos, para não falar das ameaças. O que se explicou neste artigo apoia-se primeiramente na intuição que tive a occasião de adquirir nas prisões da Russia e no mez que passei, ainda livre, em Smolensk.

Certo ainda se estava no começo, mas este começo revelava já todos os traços essenciaes do regime e que depois se tornaram visiveis. Demais, no principio o organismo secreto era muito mais facil de reconhecer, porque ainda não tinha acabado de construir o apparatus refinado em que hoje se occulta.

Que se podem fazer as melhores observações justamente numa prisão, patenteia-se pela comparação com a revolução franceza, da qual nos legaram as melhores reminiscencias os encarcerados de então. Além disso procuramos, aqui, empregar a parte mais importante da bibliographia sobre o assumpto.

Emfim, por collaboradores amigos que de ha muito que veem lendo, dia, a dia os jornaes russos, tarefa que exige, aliás, grande perseverança e paciencia, se quer ser bem informado. Tudo isto se me depara como confirmação sempre nova de que a nossa concepção basica, tal como a que temos desenvolvido, está certa, embora com ella não se esclareça de todo o ultimo enigma russo e asiatico.

Um facto, interessante, mas horroroso, sirva-nos para projectar luz sobre a difficuldade em se formar um juizo objectivo.

O camarada Ervino Kisch, morando de passagem em Moscou, refere, em 1.º de maio de 1931, pelo radio, suas impressões sobre a parada na Praça Vermelha. Entre outras coisas fala tambem de tropas de transporte da afamada G. P. U. Reza ao pé da letra: "Jubilo especial occasionaram as tropas de transporte da G. P. U., organização esta que não só cuida da segurança interior, mas tambem conquistou, na União Sovietica, immensa popularidade, porque executa, organiza e subvenciona de qualquer modo quasi todas as medidas de natureza philanthropica..." Paremos um momento. Que desmarcada e cynica mentira, a que ahi se espalha! A G. P. U. — qualquer criança na Russia o sabe — é a continuação da afamada Tcheka, seu dominio são por exemplo as florestas da Siberia e o Norte da Russia, onde



centenas de milhares de pessoas estão coagidas em frígido inverno a consumir-se em trabalhos forçados. Ella executa uma justiça revolucionaria e independente, ella é que povoa as prisões. A' sua conta corre um horror tremendo de barbaridades, como se pode ler por toda a parte na melhor litteratura sobre a Russia. Esta pois é a sociedade a que o camarada Kisch ousa chamar popular, por causa do exercicio e organização da philanthropia.

Com effeito isto chega a ultrapassar as affirmações de Litvinoff, em Genebra. O que porém temos em mira é o que se segue. Pois continua Kisch: "A principal obra da G. P. U. está em que os "besprisorni" (orphãos desamparados da guerra civil) desapareceram completamente das circumvizinhanças de Moscou e nem se encontram em qualquer outra parte da União Sovietica.

O que foi feito dessas crianças hoje se viu... soldados formadores das tropas de transporte, isto é, machinistas, automobilistas, etc. marchando ante o tumulto de Lenine, uniformizados como membros disciplinados da Sociedade... Também trabalham estas crianças nas officinas, voluntariamente, não como prisioneiros, e é uma lenda a que ainda se continua a affirmar que reina na Russia a miseria da infancia. Lembro-me de ter visto ha cinco annos em Moscou umas 15.000 destas crianças. Nesta estadia actual não tive occasião de ver uma só..."

A respeito disso observamos: Ha uns dois mezes escrevia-se nos jornaes russos sobre a terrivel miseria infantil, communicava-se uma ordem segundo a qual essa miseria se devia liquidar dentro de um curto prazo determinado. Conforme avaliações feitas á vista de bibliographia segura, tratava-se não de milhares, mas de milhões de taes crianças desamparadas.

Ora, impossivel terem todas achado acolhida nos abrigos infantis e institutos similares.

Embora se supponha tambem que muitos desses orphãos infelizes tivessem sido trazidos para o sul da Russia, mesmo assim restava um numero immenso. Pois bem: hoje nos veem dizer que essas crianças já não existem. Logo foram liquidadas. Liquidar quer dizer pôr um termo. Põe a gente as mãos na cabeça. Pensa-se naquelles emigrantes que escaparam á morte e ás garras da G. P. U.

Nomeando-se estas palavras "liquidar", a physionomia petrifica-se de horror. Quanto a essas crianças, onde ficaram? Que fez com ellas o bolchevismo? Kisch declara: Já não se vêem nas ruas. Aloja-las era impossivel. Que fez a "popular" G. P. U. dessas crianças? !...

Emquanto isto se escreve, fazem os commentarios sobre a conferencia de Genebra sua ronda pela imprensa. Ao lado disso corre tudo aquillo que se conhece com o nome de crise



do governo do Reich. A illustração fornecem-na as revoltas de fome que cada dia augmentam, especialmente nas cidades industriaes, muitas vezes acompanhadas de sacrificios de sangue e vidas. Aparece uma juventude exaltada; não é já uma procissão de necessidade e miseria; ao lado da crise mundial, surgiu o desespero mundial; se não acontecer um milagre esta humanidade cauterizada tornar-se-á victima dos poderes demoniacos da destruição e da furia frenetica.

A romagem chiliastica de José Winkler parece está a formar-se, voando-lhe ao redor os fantasmas dos mortos da Grande Guerra e dos milhões que deverão perecer nos descampados sem fim, nos paues invios e nas florestas da Russia.

O que estamos a assistir já pertence a uma região gelida demais para o sentir e pensar humanos. Mas é nessas regiões que se trava o conflicto.

Sabemos da vida de grandes santos que tinham tambem uma missão terrestre; que seu orar e penar visavam a uma necessidade extraordinaria da christandade. Nem a todos se descerra esta planicie, só a poucos cabe esse estigma que os assignala para especiaes paladinos de Deus. Não é necessario que appareça no campo largo de nossas dissertações. A's vezes abafa-os o silencio de um claustro, quasi sempre o véu do esconderijo. Hugo Ball, nos seus "Santos Byzantinos", approximou do nosso entendimento taes figuras, quanto o podia fazer a linguagem humana. Como influencia de ordem superior, irradia ella as suas energias para o universo e a humanidade. Elles mesmos entretanto vivem na maior vizinhança da Majestade Infinita, que é tão doce como terrivel. Se for o espirito sinistro de Lucifer que voeja ao redor do Kremlin, só um ser da ordem de S. Miguel será capaz de abate-lo. Para falar da maneira mais universal, importa nos convençamos todos nesta hora fatal do recurso indispensavel ás fontes de energia sobrenatural.

Estas só se encontram na religião. A batalha de Lepanto foi acompanhada pelas orações de um Papa Santo; Pio XI exclama por seu turno: Dae-me um exercito a orar. Para o christão crente, toda esta evolução não é em primeira linha um acontecimento cosmico, um terremoto que nos mostra o poder superior das forças phisicas, mas é um trecho de historia universal, em que entra a acção da Providencia do Pae celestial, sem cuja vontade não cae um pardal do telhado da casa.

Concebendo portanto tudo isto do ponto de vista da infinita paz de Deus, não ha porque perturbar-se no cumprimento da tarefa de todos os dias que, a seu modo, ha de concorrer para a solução da crise. Ella ainda é capaz de paralyzar a agitação de Moscou; ainda não lhe falta probabilidade na luta por uma causa nobre. Ainda existem causas segundas ás quaes a causa primeira confiou o actuar no meio das ener-



gias deste mundo e não tenhamos receio de confessar sinceramente que estas causas segundas têm falhado tantas vezes, embora já vão quarenta annos que souo aos nossos ouvidos a Encyclica « Rerum Novarum », embora existam ainda camadas inteiras faltas do verdadeiro sentimento social. Massas compactas de christãos, justamente dos que se gabam de piedosos, parece ainda não comprehenderam até hoje que uma aspiração moderada de felicidade, mesmo nesta terra, é compativel com o anseio da patria eterna. Tambem na terra tem o christianismo sua tarefa. Para que deixar ao socialismo e ao communismo o que havemos de fazer segundo o espirito daquelle Salvador que outrora andou “fazendo o bem” pela terra? E’ sempre verdade que a salvação eterna do homem depende dessa condição: “Estava faminto e vós me destes de comer, estava com sêde e destes-me de beber, estava nú e me vestistes...”

Uma concepção do sobrenatural a que pareçam taes exigencias singelas do Evangelho humanas, simples, incomplexas demais, teria motivo sufficiente de instituir uma revisão de si mesma, á luz das fontes primitivas da revelação. De Nosso Senhor que suscitou para a Christandade um S. Francisco de Assis e uma Santa Izabel nos principios da era capitalista, bem temos razão de esperar que tambem hoje nos brinde com o thesouro inexaurivel da religião e com aquellas energias que reclama a nossa epoca.

Por mais baralhada que esteja a realidade, diante dos olhos de Deus, a sondar-lhe a profundidade, desvenda-se em traços claros e luminosos: daqui nossa certeza de que, embora recondito, tenha ella seu sentido; sabemos que uma glorificação de Christo fechará tambem esta epoca, e isso significará ainda uma justificação do homem, por mais caído que hoje o vejamos.

Um profundo presentimento existe na nação russa. Ella crê que será um dia chamada a pronunciar a palavra da grande verdade. A Igreja martyr da Russia, que hoje supporta no fogo da perseguição coisas admiraveis, mantém firme essa esperança fagueira. Trabalha, reza, lembrada da palavra de S. João, que, como sopro de eterna primavera, perpassa por sobre a Igreja e toda a humanidade desesperada de hoje: *Confidite ego vici mundum* — Confiae, eu venci o mundo. (Jo. 16, 33).



# SOCIOLOGIA OU SOCIALISMO ?

(AO EXMO. SR. FERNANDO DE AZEVEDO)

L. VAN ACKER

No primeiro dia deste anno, em longas columnas do "Jornal do Commercio" do Rio, publicou o actual director da Instrucção Publica de São Paulo, prolixo estudo sobre "O Estado e a Educação". Alludindo, no preludio, ao "Manifesto Educacional", accusa os criticos deste ultimo de incompreensão e falta de objectividade: "Observámos e induzimos, sem pontos de vista particulares, e sem os propositos facciosos de que nos accusaram os que preferiram ver em nossa attitude em face desse problema, a offensiva de um grupo empenhado, com intuitos occultos, em transformar a escola num instrumento do poder politico. . .

Accusar de tentarem contra o papel da familia na educação aquelles que reconheceram e proclamaram o facto de que a funcção educacional tende a transferir-se para a sociedade politicamente organizada seria, na verdade, o mesmo que accusar, como responsavel pela chuva ou pela secca, o cientista que, nos seus observatorios, prognosticou esses phenomenos meteorologicos" (O Estado e a Educação, in princ.).

Desculpe-nos o sr. Fern. de Azevedo se através do phrasado "vago, abstracto e impreciso" (A. Correia, Jonathas Serrano, C. A. Barbosa de Oliveira) pensassemos descobrir, "sem ambiguidades" (Tristão de Athayde) as idéas directrices do manifesto. Mas, como o autor recusa tal dose de elementar clareza, não insistimos em reconhecê-lo, preferindo explicar para o bem de todos como em nosso fraco entendimento germinou a conclusão de não ser o manifesto simples relatorio sociologico, senão verdadeira insinuação de principios socialistas. E, para procedermos ordenadamente, tentaremos estabelecer:

1 — Que o manifesto é visivelmente inspirado em certa philosophia, não se limitando á investigação dos factos.



2 — Que a tal philosophia é inferida graças á passagem illegitima do dominio sociologico ao doutrinario moral e social.

3 — Que a moral apregoada é de tendencia socialista.

\* \* \*

Segundo o proprio sr. F. A., "*prolongar idealmente a evolução social fora do dominio das investigações positivas, seria arriscar-se o sociologo a pôr a sciencia na dependencia de systemas philosophicos* com os quais podem entrar em conflicto os factos objectivamente examinados e interpretados" (O Estado e a Educação, *ibid.*).

Que diz agora o Manifesto?

"Certo, *um educador pode bem ser um philosopho e deve ter a sua philosophia de educação; mas, trabalhando scientificamente nesse terreno, elle deve estar tão interessado na determinação dos fins da educação quanto tambem dos meios de realiza-los...*

*Se (o educador) tem essa cultura geral que lhe permite organizar uma doutrina de vida e ampliar o seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjuncto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagogico ou dos methodos ao problema philosophico ou dos fins da educação.*

A' luz dessas verdades e *sob a inspiração de novas ideaes de educação* é que se gerou, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional, com que, reagindo contra o empirismo dominante, pretendeu um grupo de educadores, nestes ultimos doze annos, transferir do terreno administrativo para os planos politico-sociaes a solução dos problemas escolares".

E, com effeito, a reforma do ensino, na Capital Federal, em 1927, obedeceu a ideaes francamente philosophicos. Confessa-o o proprio sr. F. A., repetidas vezes em "Novos caminhos e novos fins" pp. 19-20: "O systema escolar que a reforma instituiu, procede de uma "philosophia" que lhe corresponde... A radical transformação de processos em que importou a reforma, proveio, pois, da nova finalidade attribuida ao systema de educação e, portanto, da propria "philosophia" de que se desprende... "Os reformadores (anteriores ao sr. Fern. de Azevedo), em geral politicos de ideas empiricas, ou technicos aprisionados em formulas didacticas, não comprehendiam que os problemas fundamentaes da educação são, *antes de tudo, problemas philosophicos*". (O gripho é nosso).

\* \* \*

Como chega a ser estabelecida essa philosophia da educação?

E' o que nos ensina o dito manifesto: "Se a educação está intimamente vinculada á philosophia de cada epoca, que



lhe define o character, rasgando sempre novas perspectivas ao pensamento pedagogico, a educação nova não pode deixar de ser uma *reacção categorica, intencional e systematica* contra a velha estructura do serviço educacional, artificial e verbalista, montada para uma concepção vencida". (*Manifesto, finalidades da educação*).

Em poucas palavras: Sempre a educação seguiu a philosophia da epoca. Logo, a educação moderna deve ser inspirada pela philosophia de nosso tempo.

Chamamos a attenção para tal argumento que do indicativo salta para o imperativo e do registro do facto para a apreciação moral ou ideal do mesmo. Pois, não se limita o sr. F. A. a prognosticar que a educação nova será uma reacção natural, espontanea e fatal da nova philosophia. Pretende não poder ella deixar de ser uma reacção "intencional e systematica", logo, deliberada, responsavel e imperada pela vontade firme de combater uma estructura "artificial e verbalista", "installada para uma concepção burgueza" (*ibid.*). E, não contente com essa invectiva ao liberalismo educacional, declara ser a concepção presente a que melhor "assegura o equilibrio entre os valores mutaveis e permanentes da vida humana", exaltando o poder moralizador da escola moderna socializada, por applicação concreta da nova philosophia educativa: "A escola socializada não se organizou como um meio essencialmente social, senão *para transferir do plano da abstracção ao da vida escolar* em todas as suas manifestações, vivendo-as intensamente, *essas virtudes e verdades moraes*, que contribuem para harmonizar os interesses individuaes e os interesses collectivos" (*Manifesto, valores mutaveis e valores permanentes*).

Como, porém, se elaborou o evidente prolongamento da experiencia social, condemnado e no entanto praticado pelo sr. F. A.? A passagem do indicativo positivo para o imperativo, optativo ou subjunctivo moral, social e pedagogico effectuou-se pelo recurso ao principio de que "a nossa concepção do ideal é estreitamente ordenada á nossa representação da realidade" (*Novos caminhos, p. 21*) ou então que o ideal educativo extrae "a sua vitalidade como a sua força inspiradora da propria natureza da realidade social". (*Manifesto, finalidades da educação*).

Esse principio, que reflecte a confusão do moral e do social, commum á escola sociologica de Durkheim e Levy-Bruhl, não é a simples enunciação dum facto, senão postulado discutivel, não só para os partidarios do ideal educativo absoluto, mas até para o sr. F. A., defensor convicto do ideal relativo. Pois como pode este ultimo acoimar de "artificial e verbalista" a "velha estructura" educacional, se esta era "montada para uma concepção vencida" mas que em seu tempo extraiu "a sua vitalidade e força inspiradora da



propria natureza da realidade social" ? ! . . . Como apodar de artificial o que foi a criação da natureza social, senão porque o sr. F. A. desconfia do seu proprio principio; porque nem sempre os nossos ideaes são estreitamente ordenados á nossa representação da realidade social; porque nem sempre a realidade social é inspiradora dum ideal de verdadeira vitalidade; porque, em summa, o social não se confunde com o moral, ou, nos termos do sr. F. A., "nem sempre ha equivalencia do "publico" e do "social" e o "publico" pode não identificar-se ao "socialmente util". (*O Estado e a educação, os interesses do Estado e os da sociedade*).

Estranha meteorologia do sr. F. A., que, além de predir a chuva, responde por ella, garantindo-lhe as virtudes e reprovando a secca "vencida" !

Nem é a unica vez que assim procede o autor do manifesto. A escola unica, o principio ou ideal do monopolio, a coeducação irrestricta, o curso secundario de base unica, a equiparação dos salarios do professorado, o ensino leigo, a reforma universitaria, são outras tantas conclusões que prolongam idealmente a experiencia social. Da escola unica em particular escreveu Lourenço Filho: "E' a questão chamada da escola unica, que felizmente não possuímos como não na possue paiz algum da America". (*Introd. ao estudo da escola nova, lição I, n.º 7*). E confirma Jonathas Serrano, collaborador do sr. F. A.: "O seu maior defeito (do *Manifesto*), a nosso ver, é este character de generalidade abstracta, vaga, para um meio social que não é o nosso, nem pela força da tradição, nem pelas aspirações do momento que vivemos" (*A Escola nova, p. 143.*)

\* \* \*

Qual é por fim a philosophia de nossa epoca, devendo inspirar o novo ideal educativo ? Não ha, com effeito, a bem dizer, uma philosophia plenamente caracteristica de certa epoca, senão varias doutrinas cuja harmonia ou conflicto constituem o complexo vital, fornecendo a definição historica, exacta, dum periodo philosophico. Deante desse facto e conforme a moral sociologica, cada um de nós deverá escolher a philosophia contemporanea que lhe convem, se não quizer cair em contradições ou eclecticismos absurdos e inconsistentes. E tal é a famosa descoberta do sociologismo positivista e cientista. Pretendendo livrar-nos das concepções puramente philosophicas, manda-nos elle, em nome dos factos, que escolhamos uma das philosophias vigentes ou ao menos construamos a nossa, aproveitando elementos das doutrinas em voga. Ora, é isso mesmo que sempre aconteceu, sem o menor positivismo, até nos "revolucionarios" philosophicos,



que não puderam prescindir da influencia das doutrinas socialmente acceitas. Pois bem, essa praxe antiga não foi reformada pelo positivismo sociologico — nem podia sê-lo em nome dos factos — mas antes aggravada pela licença de juntamente adoptar todas as philosophias contradictorias ou incoherentes duma epoca (1).

Nesses termos, qual é a philosophia escolhida pelo sr. F. A. ? Não haja duvida a respeito: é a concepção moderna, capaz de garantir e defender “os principios fundamentaes de laicidade, gratuidade e obrigatoriedade, consagrados (?!!) na legislação universal” (*Manifesto*, funcção educacional).

Ora, tal philosophia não é o liberalismo, nem pode ser qualquer doutrina social consentanea com as encyclicas: *Rerum Novarum* ou *Quadragesimo anno*. Resta, pois, que seja o socialismo ou o communismo. Por certo protestará o nosso adversario: “Eu tenho da vida, e, portanto, da educação, uma concepção integral, que não me permite considerar o homem apenas como “instrumento de trabalho”, que me criou a consciencia da necessidade de aproveitar, na educação, todas as forças ideaes, isto é, tudo aquillo que dá sentido e valor á vida humana”, — (é por isso provavelmente que o sr. F. A. é laicista !!) — “e que, portanto, me obriga a reivindicar para o individuo os seus direitos em face da sociedade”. (*Novos Caminhos*, pp. 25-26).

Desengane-se o illustre “pioneiro”, que tal doutrina lhe não é peculiar nem original. Todo o socialismo hodierno mitigou-se a tal ponto que certos incautos quizeram baptizá-lo. Porém, os elementos individualistas do socialismo actual são ingredientes estranhos, importados pela reacção do liberalismo e que, cessada a dita reacção, forçosamente serão eliminados pela inexoravel logica interna dos principios socialistas, por cuja pureza continua a velar o communismo. Nessa altura, comprehenderá afinal o sr. F. A. porque os criticos do manifesto não deram a menor importancia ás suas reservas ao monopolio e aos repetidos protestos em favor da familia como collaboradora do Estado e da escola na funcção educativa? Pois, tudo isso é destinado a desaparecer no determinismo evolutivo das ideas socialistas. E o sr. F. A. reconhece “o facto de que a funcção educacional tende a transferir-se para a sociedade politicamente organizada”. Mas, não se limita a reconhecer o facto, estoicamente, pois, qual é a causa do mesmo, senão aquella philosophia socialista, que, segundo o contexto do sr. F. A., deveriamos applicar *intencio-*

(1) — Dessa licença não se aproveita o sr. F. A. que não quer principios de educação “accumulados, em camadas superpostas, mas fundidos e organizados em corpo de doutrina, com character homogeneo, unidade de concepção e harmonia de linhas”. (*Novos caminhos*, p. 30).



*nal e systematicamente* como inspiradora do ideal da educação nova?!

E como ao texto preferimos o contexto, como á lettra, que isola e mata, o espirito que tudo penetra e vivifica, concluimos ser a philosophia do manifesto educacional o socialismo hodierno.

\*\*\*

Se não receiassemos ficar prolixos, o que acabamos de estabelecer para o *Manifesto educacional*, poderíamos prová-lo com maioria de razão para *O Estado e a educação* apesar das apparencias muito mais moderadas deste ultimo artigo, talvez devidas á regra de acção do autor: "Em todo o caso, fora das espheras scientificas e já em plena actividade, é preciso sempre lembrar que a precipitação imperiosa vae muitas vezes contra o objectivo que se tem em vista e que ella torna mais difficil alcançar" (*Novos caminhos*, pp. 122-123).

Seja lá como fôr, qualquer leitor de mediano intellecto comprehenderá que para responder ao sr. F. A., escusado é recorrer a pontos de vista pessoaes, bastando expor e citar o adversario fiel ou objectivamente. Em vista disso, pode o sr. director da instrucção publica em S. Paulo continuar a propalar que não o comprehendem os criticos nem devidamente o interpretam, lembrando aquelle professor escandinavo, autor dum compendio de philosophia allemã, o qual, levando á typographia os originaes, pensou comsigo, satisfeito, que só elle e Deus Padre comprehenderiam; mas, ao corrigir as provas, jubiloso, exclamou: "Agora está sublime; pois, isto só Deus Padre entênde"!

Mas, deixemos de brincadeiras em materia tão grave.

A posição assumida pelo sr. F. A. não contribue para criar "esse intensivo espirito commum nas aspirações, nos ideaes e nas lutas", esse "estado de animo nacional" capaz de dar força, efficacia e coherencia a acção dos homens, sejam quaes forem as divergencias que possa estabelecer entre elles a diversidade de pontos de vista na solução dos problemas brasileiros". (*Manifesto*, o conceito moderno de universidade). Pois, para tal fim, é preciso que a minoria pedagogica, installada no poder, seja um grupo "arejado e aberto", não levando a ingenuidade ao ponto de recusar ao "publico" a mais elemental capacidade de comprehensão, interpretação e critica. Do contrario, é possivel que as transformações sociaes dêem existencia a um "novo publico", em condições de substituir aquella minoria pedagogica, como já substituiu certa minoria politica, e permittir ao Estado restaurar-se, sobre a base dos interesses da communhão e expandir-se na linha dos seus destinos" (comparem: *O Estado e a educação*, fim).

Em todo o caso, á vista dos factos recentes, occorridos no congresso da A. B. E., aos nossos correligionarios dispostos por temperamento á collaboração e conciliação a todo tran-



se entre as varias correntes pedagogicas (2), lembramos o testemunho insuspeito do Cardeal Bourne: "Faz agora 35 annos que sou bispo de Londres, e sempre tive como fim cooperar onde quer que estivesse a cooperação de accôrdo com os nossos principios. Experimentei, sobretudo, porém, que a cooperação é muita vez extremamente difficultada. Com demasiada frequencia o appello para a união não é fundado em principio algum definido, senão em vago sentimentalismo; nem vejo como seja possivel servir a uma causa nacional com appellos deste genero" (*A Igreja e o socialismo*, discurso de Usher Hall, Edimburgo, Junho de 1931).

E a todos aquelles que não renegam por completo a ordem social christã, feita de justiça e caridade, sejam elles catholicos, protestantes, judeus, atheus, etc; a todos, emfim, que pertencem á alma, senão ao corpo da Igreja Catholica, entre elles, portanto, o proprio sr. F. A., submettemos, para serem meditadas, as palavras do mais autorizado magisterio moral do mundo: "Parecem ignorar ou não ter em devida conta os gravissimos e funestos perigos deste socialismo (educador), os que não tratam de lhe resistir forte e energicamente, como o pede a gravidade das circumstancias. E' dever de nosso munus pastoral chamar-lhes a attenção para a gravidade e imminencia do perigo: lembrem-se *todos* que deste socialismo foi pae o liberalismo (3), será herdeiro legitimo o bolchevismo". (*Quadragesimo anno*).

\*  
\* \*

Aos criticos do manifesto applicou o sr. F. A. a palavra de Cavallotti, dirigida ás "minorias aggressivas": "Consciencias inquietas, respeitae as consciencias tranquillias" (*O Estado e a educação*, in princ.).

Minorias? Não sabemosse somos, mas respondemos com a palavra de Christo: "Quem não é contra vós é por vós" (Marc, 9, 39; Luc. 9,50). E quantos serão taes? Não será desse numero o sr. F. A.? Em todo caso, nem elle, nem nós, nem qualquer estatistica no mundo pode penetrar os mysterios da consciencia humana. E por falarmos em estatisticas, teve o sr. F. A. conhecimento do numero de crianças e professores

(2) — Santo Thomás admitte que, mesmo pessoas "santas" peccam venialmente contra a caridade, por falta de correção fraterna: "*Tertio modo hujusmodi omissio est peccatum veniale, quando timor vel cupiditas tardiozem facit hominem ad corripienda delicta fratris;... Et hoc modo quandoque viri sancti negligunt corrigere delinquentes.*" (2a 2ac, 33, 2 ad 3.)

(3) — Concorde o sr. F. A. escrevendo no manifesto que "o individualismo libertario... teve... o seu papel na formação das democracias e sem cujo assalto não se teriam quebrado os quadros rigidos da vida social." (*l. c.* finalidades da educação).



paulistas, pertencentes á escola publica e favoraveis ao ensino religioso facultativo?

Somos aggressivos? Oxalá o sejamos deveras! A nossa posição sempre é negativa e defensiva. Mas, felizmente, vamos passando á offensiva constructora, cujos effeitos em breve serão manifestos.

Somos consciencias inquietas? Não esperamos o exito neste mundo, senão na vida eterna. Cremos em Christo e de nossa fé ha quem conteste o valor, mas, contra o facto psychologico da sua existencia não ha argumentos. Ora, Christo disse: "No mundo tereis afflicções, mas tende confiança: eu venci o mundo" (João, 16, 33).

Teriamos faltado ao respeito da consciencia alheia? Não temos conhecimento da culpa, mas nem por isso nos julgamos, pedindo ao nosso adversario o favor de nos *provar* o mal que porventura fizemos.

S. Paulo, 10/1/33.



# IGREJA LIVRE NO ESTADO LIVRE

PADRE J. AYRTON GUEDES

Quando em Março de 1861, o parlamento italiano que dera a Victor Emanuel o titulo de rei da Italia declarou que Roma seria a capital do reino, o conde Camilo Cavour, liberal ardoroso, proclamou o que ele chamara o grande principio: *A Igreja livre no Estado livre*. O liberalismo de Cavour, condensado nesta formula — ainda que pese a *alguns espiritos liberaes* — consiste no ateismo official do Estado. E' que a palavra ateismo, como observou o Mons. Afonso Pequeno — uma das inteligencias mais lucidas do Norte do Brasil — é muito dura para o senso cristão do povo e o erro precisa occultar-se sob o prestigio das palavras. Por isto os liberalistas arranjaram a palavra "separação" (baseada nas multipas formulas cavourianas ou montalembertinas) que mais suavemente significa o mesmo que ateismo.

Com efeito a formula "Igreja livre no Estado livre" ou no sentido rigido de Cavour ou no moderado de Montalembert (*L'Eglise libre dans l'Etat libre* — 1863) sempre contem o veneno da doutrina da independencia inteira e completa do Estado que deve professar o mais absoluto indifferentismo religioso. E este indifferentismo que faz com que o Estado se separe da Igreja de Jesus Cristo, governe como se não houvesse Deus no Ceu e Igreja na terra, o que é senão ateismo? O Estado leigo põe em um mesmo pé de igualdade todas as religiões, pois não considera nenhuma como verdadeira, prescinde da existencia do verdadeiro DEUS e do culto que se lhe deve prestar: se isto não é ateismo é preciso inventar-se um novo nome com que seja designado. Estado leigo, portanto, é Estado ateu. Lembra-se de que existe a Igreja mas somente no dia em que lhe apraz pesegui-la — como escreveu Leão XIII em carta aos fieis francezes. ("Au milieu" — 16 de Fevereiro 1892).

\* \* \*

O homem é "um animal religioso" e assim se encontra preso ás verdades que a razão ilustrada pela fé ensina e cujo conhecimento gera varias obrigações para com Deus, para



com o proximo, para consigo mesmo. A consciencia do homem não é livre: é sujeita ao dever. A liberdade de opinião e de consciencia deve ter portanto os seus limites. Logo, por necessaria consequencia, teriamos de chegar fatalmente á mais completa anarquia se o homem pudesse tudo negar, tudo aniquilar com o pretexto de que é livre. Engolfada na consideração da sua origem, do seu principio, do seu fim, a criatura humana descobre que Deus é o seu unico Autor e Senhor; dele absolutamente depende. Sente-se arrastada para Ele — o unico capaz de saciar a sêde de sua alma, desejosa de infinito, unico potente para sossegar as inquietações do seu espirito.

Por isto ela clama com Santo Agostinho. "Senhor, vós nos fizestes para vós e o meu coração não encontrará descanso até que repouse no vosso". Tem pois deveres de filho e de servo para com o seu Criador, deveres que se resumem no grande dever da Religião. Por outra parte é o homem subdito do Estado a cujas leis deve obedecer. Mas se este está separado da Igreja como poderão os subditos catholicos exercer os seus deveres para com Deus, socialmente e publicamente? Desde que o Estado leigo recusa dar a Deus o que só a Deus pertence, nega tambem por consequencia logica aos cidadãos aquilo a que eles teem direito como homem pois "os verdadeiros direitos do homem nascem precisamente dos seus deveres para com Deus" (Leão XIII. l. c.).

O sujeito da autoridade eclesiastica e da civil é um e mesmo homem. O cristão é inseparavel do cidadão. Por isso para evitar todo e qualquer conflito entre a Igreja que zela pelos interesses espirituaes do cristão e o Estado a quem incumbe cuidar dos bens temporais do cidadão, deve haver um mutuo acordo, um reciproco consentimento sobretudo em certas materias mixtas que por propria natureza estão intrinsecamente unidas ao fim de uma e doutra sociedades.

Temos um exemplo, no que diz respeito á educação religiosa da juventude.

Educar as crianças é uma missão que Deus confiou á Igreja — depositaria da Divina Revelação, Mãe e Mestra de toda a vida e santidade cristãs — juntamente com a missão da Igreja e da familia por direito natural e divino.

E' claro que o Estado não pode permanecer inativo nem alheio a esta mesma educação mas "deve contribuir para ela, procurando o necessario e suficiente para ajudar, aperfeiçoar a ação da familia, para corresponder plenamente aos desejos dos pais, para respeitar sobretudo os direitos divinos da Igreja". (Pio XI — Alocução de 14 de Maio de 1929). Como isto tudo em um regime de separação? Como pode o Estado consultar a esta necessidade que atinge o bem dos individuos e



da comunidade se desconhece a Igreja ou se lhe concede somente a liberdade de viver segundo o direito comum a todos os cidadãos?

\*\*\*

Em toda a obra da criação ha uma ordem admiravel, uma harmonia perfeita. Harmonia nas leis que regem todo o universo; harmonia e ordem na direção constante de cada uma das coisas materiais para o proprio e determinado fim; harmonia e ordem em todas as coisas, mesmo as que são contrarias entre si, enquanto concorrem para o bem universal. Ha um liame intimo e necessario que liga todas as coisas que brotaram das mãos onipotentes de Deus. E esta ordem, esta harmonia atinge não somente os entes fisicos mas até os seus fins. O fim contingente se relaciona com o necessario e eterno; o inferior com o superior; o temporal com o espiritual; o intermedio com o ultimo.

O fim da sociedade civil é o bem temporal que se ordena ao bem espiritual e sobrenatural, é contingente e intermedio, o que supõe ainda subordinação ao necessario e ultimo que é Deus — representado na terra pela Igreja, guarda fiel da sua palavra.

E' portanto o fim da sociedade civil inseparavel do da sociedade eclesiastica, consequentemente inseparaveis são tambem a Igreja e o Estado.

\*\*\*

Alguns catolicos liberais se bem que reconheçam a Igreja independente do Estado e superior a ele julgam contudo que se não devem urgir os direitos da Igreja no que diz respeito á união com o Estado sob o pretexto de que o sistema da separação e independencia destas duas sociedades consulta melhor á liberdade da mesma Igreja.

Esta doutrina igualmente não se pode admitir desde que supõe a Igreja mutavel quer quanto á sua doutrina, quer quanto á sua natureza. Somente, por uma esceção, para evitar maiores males, poderiamos admitir tal regime de separação e isto em certas e determinadas circunstancias "permanecendo incolumes e inviolaveis os direitos de justiça e verdade" que á Igreja pertencem.

De Angelis em suas "Preleções de direito canonico" (apendice n.º 14) propõe varias condições para esta separação:

"Que a Igreja seja reconhecida como uma corporação ou sociedade com todos os seus direitos e privilegios, gozando de plena e perfeita liberdade no exercicio do seu poder legislativo, judiciario e executivo; que se possa exercer privada e publicamente o culto catolico e que o Estado reconheça á Igreja o direito de adquirir, administrar e possuir os seus bens



temporais; o de tratar da educação cristã da juventude e ainda o de promover e incrementar o estado religioso ficando os cidadãos com plena liberdade de abraça-lo sem que venham a perder os seus direitos civis. Esta doutrina confirma-a Leão XIII, (na Encyclica "Libertas" de 20 de Junho de 1888) "*si de quadam intelligatur ratione quae consistere cum veritate iustitiaque possit*".

\* \*

Cicero, o maior dos tribunos romanos, iluminado tão somente pela luz da razão achava que o Estado não poderia manter-se sem a assistencia divina. Hoje que temos a nossa intelligencia iluminada pelos clarões da fé não podemos compreender liberdade perfeita no Estado senão quando este, consciente do seu dever, se prostrar em adoração ao Senhor de todas as Nações e Rei do Universo.

Recife, 1932.



# NOTICIA DE PORTO VELHO (AMAZONAS)

PUBLIO DIAS

No meio das lendas mais extraordinarias do Amazonas, destacando-se das cidades phantasticas que Fawcett, Dyott, Roosevelt, Rondon e outros exploradores estrangeiròs e patricios não conseguiram descobrir, Porto Velho é, por si só, um desafio á realidade.

Peregrino Junior, um dos chronistas mais mambembes do Rio de Janeiro, mas cujo livro "Pussanga" tem muita coisa aproveitavel, disse que Porto Velho é o tipo da cidade provisoria, dessas que se fazem na terra do cinema para montagem de fitas. Porque as casas da parte inglesa (lado da cidade que tem essa denominação por causa de, no principio, só ser habitada pelos funcionarios da *Madeira Mamoré Railway Co.*, na maioria *gringos*) são de madeira, com telhados de zinco, parecem de papelão. Mas este provisorio demora ha 20 annos e parece que não está com vontade de acabar.

Se a gente, no entanto, tiver a curiosidade de entrar numa dessas casas, completamente teladas por causa dos mosquitos e com portas em tambor, verá quão ficticia era a primeira impressão de provisorio. São forradas, dotadas das mais confortaveis installações sanitarias, agua, luz electrica e mesmo telephone em algumas dellas. Verá que bem no interior do Amazonas, a 3 ou 5 dias de Manáos, conforme o *gaiola* (navio fluvial) seja mais ou menos rapido, existe o progresso e o movimento. Alfandega, estação de trens (unica cidade amazonense que possui via ferrea) para Matto Grosso (Guajará Mirim), nas fronteiras da Bolivia, de que Porto Velho é natural escoadouro de productos, fabricas (de gelo inclusive), um cinema, si bem que muito do imperiodico, exhibindo ás vezes umas fitas vindas da Bolivia com os letreros em Allemão e espanhol (por causa da importancia da colonia alemã no oriente boliviano, *disque*), serrarias muito aperfeiçoadas, etc.

Isso para conforto de uma população trabalhadeira, que venceu o paludismo, venceu o *beriberi* e se aguenta firme com



a formidável desvalorização da borracha e de outros productos extractivos como a castanha, dansando no "Internacional" e no "Vespasiano Ramos", fazendo esporte nos *courts* de tennis e nos campos de futebol.

Uma característica interessante de Porto Velho é o babelismo, a enorme variedade de individuos de todas as nações, que ali pode ser encontrada. Muitas vezes estive em grupos onde o unico brasileiro era eu. O resto, bolivianos, portuguezes, espanhoes, sirios, inglezes, não sei mais que. Gente de todos os paizes e de todos os estados, inclusive do Districto Federal, que é o pessoal mais difficil de arredar o pé da Guanabara.

Tudo quanto se contar da fundação e dos primordios de Porto Velho, por mais inverosimil que pareça á imaginação relativamente acanhada do nortista, pode ser verdadeiro. A mentira e a lenda têm ali pouco valor, porque se confundem frequentemente com a verdade e a historia, sendo difficilima a separação de uma da outra. Ali deve ter existido o periodo que Cocteau chamaria angelico o no qual Chirico (o das guitarras) exclamaria com convicção que não seria nada de admiravel ver alguem tomar banho nas aguas do rio Madeira e dissolver-se como um torrão de assucar. Isso, si a cobra grande não tivesse tempo de leva-lo antes.

Alguns factos para illustrar: um homem conceituado como Oswaldo Cruz affirmou que, para construção da ferro-via Madeira Mamoré morreram, só de paludismo, tantas pessoas quantos dormentes sustentam os trilhos dessa estrada de trilhos de ouro. Duzentos mil dormentes. Trilhos de ouro, porque o que pesam em ferro custaram em ouro, nessa cidade onde houve um tempo em que só existiam millionarios. Onde a unidade era 100. E, a proposito dos dormentes, ouvi de Mr. Andersen, sub-gerente da estrada, que eram todos de pinho da Australia (e o palavroso Raimundo de Moraes consigna isso num dos seus livros), apesar de se derrubarem florestas, só para dar saida ao dinheiro.

Os inglezes trouxeram barbadianos e os americanos mandaram outros pretos para limparem a raça lá deles e morreram aqui nos trabalhos da estrada. Mas não se acabaram, não. Ha uma colonia de pretos, que falam um *slang* ou *broken-english*, como chamam, têm sua escola ingleza e jogam alegremente ao longo da linha um jogo de bola bem interessante e cujo nome não me recordo agora. Formam uma sociedade á parte, com sua igreja presbiteriana (que com os esforços dos missionarios catholicos está perdendo muitos membros. — Eita, o aperreio do padre Antonio para ensinar catecismo em inglez) e são separados até dos pretos brasileiros. Estes, conservando tradições indo-africanas, se reúnem uma vez por anno numa festa dansante, chamada de Santa Barbara, em que ha uma mistura de ritos christãos e praticas espirito-



fetichistas em que a alma do Caboclo e o Divino Espirito Santo são igualmente invocados. Depois de sete dias de verdadeiros campeonatos de dansas, sempre excitados pelo alcool, ha um banquete no chão forrado de folhas de bananeira, com comidas regionaes, terminando o periodo festivo.

Só muito tarde vieram os padres catholicos installar-se em Porto Velho, onde, de inicio, não havia nenhum culto. A igreja é um barracão inesthetico sem nenhum signal exterior de culto catholico, lembrando muito esses templos protestantes brasileiros. Mas no alto duma elevação, na parte brasileira da cidade e bem perto da vasta loja maçonica (que o bom padre João Nicolletti dizia ser a séde do futuro bispado) se eleva uma grande igreja em construcção. Até, por signal, o escriptor Mario de Andrade, passando por Porto Velho, disse que era uma igreja em ruinas. Isso, num artigo em que pretendia provar a decadencia do sentimento religioso no Brasil. O que veio reafirmar o pensamento de Blaise Cendrars, de que nada se parece mais com um edificio em ruinas do que um edificio em construcção.

Triumpho (Pernambuco), 1932.



# LETRAS CATHOLICAS

JONATHAS SERRANO

ALCIBIADES DELAMARE — A  
BANDEIRA DO SANGUE — Rio. Typ.  
do *Jornal do Commercio* — 1932.  
— ... NA VOZ DA HISTORIA — Ba-  
hia, Galdino Loureiro, ed. — 1932.

Em 1923, na 2.<sup>a</sup> serie desta mesma ORDEM, então dirigida pelo proprio Jackson, e a pedido seu (como elle os sabia fazer, que docemente obrigavam) — em numeros reunidos de Abril a Junho, tivemos ensejo de tratar, a proposito do *Momento Nacionalista*, da personalidade literaria e de homem de acção do sr. Alcibiades Delamare. A questão do dia, ou pelo menos um dos problemas da hora, sem duvida era o nacionalismo, qual o entendiam o director de *Gil Blas* e seus companheiros de jornada. Jackson mesmo julgára conveniente explicar o seu ponto de vista no opusculo *Do Nacionalismo na Hora Presente*.

Apreciando o livro do sr. Alcibiades Delamare, já naquella epoca escreviamos conceitos que a experiencia de mais de 10 annos decorridos plenamente confirmou.

Taes, por exemplo, os seguintes:

“Ninguem pode recusar, entre outras qualidades (ao Autor), a coragem de dizer sem evasivas ou tergiversações aquillo que pensa de certas coisas e de certos homens”...

“Outra nota de se registrar é a confissão explicita da fé catholica professada pelo Autor do volume que analysamos...”

E transcreviamos o trecho mais demonstrativo: “Catholico apostolico romano que somos, que sempre fomos e que havemos de ser toda a nossa vida, sejam quaes forem as lutas da existencia, os estagios do nosso soffrer ou os momentos de alegria de nosso futuro, não necessitaremos, mais uma vez, affirmar que só á sombra da Cruz poderemos realizar a obra de emancipação da Patria Brasileira” (pag. 117).

Depois de accentuar o nosso ponto de vista na questão do nacionalismo e de citar os principaes topicos em que dis-



cordávamos do Autor, não hesitamos em reconhecer os meritos do volume e concluimos sublinhando ainda uma vez as qualidades pessoais e a sinceridade da fé catholica do sr. Alcibiades Delamare.

Volvido um decennio, é interessante verificar que não nos enganavamos quanto ao essencial. A campanha nacionalista não proseguiu exactamente nas directrizes de 1923, mas em rigor não ha contradicção visceral entre o que então se propugnava e varias das campanhas actuaes, victoriosas ou em desenvolvimento. O que nos importa aqui, nestas paginas, é registrar que o feitio intellectual do sr. Alcibiades Delamare é o mesmo, com as suas qualidades e os inevitaveis percalços, que as proprias qualidades de certo modo postulam ou condicionam.

E' o que demonstra a leitura destes dois volumes publicados em 1932.

*A Bandeira do Sangue* é uma collectanea de artigos semanales do "Jornal do Commercio" destinados a combater o communismo. Em subtítulo da folha de rosto sem rebuço o declara logo o Autor. Desde a capa do volume, até o indice dos capitulos, na tinta rubra do título como na legenda explicativa da gravura symbolica inicial, — em tudo se patenteia sem euphemismos nem ambiguidades o proposito do escriptor. A epigraphe de *Gautherot*, n' *O Mundo Comunista*, synthetiza o principal da argumentação: "O communismo... não resiste nem á critica scientifica, nem ao exame do simples bom senso, nem á experiencia social..."

Opusculo apaixonado, observará displicentemente um critico *objectivista*. E que ha sobre a Russia inteiramente desapaixonado? Por ventura as apologias sovieticas do regimen? Ou, *a priori*, classificaremos de exageradas e parciaes só as criticas dos que não acceitam a solução russa? Ademais, como ficar impassivel, sereno, olympicamente objectivo, ante a violencia, o ultraje, o odio systematizado a todo sentimento christão? Com que direito exigiriam de nós brandura, imparcialidade inalteravel os que não a praticam, nem sequer a admittem theoreticamente?

Ainda no outro dia fiz eu a experiencia com um collega e velho conhecido de muitos annos, culto, honesto, de rara capacidade de trabalho, mas infelizmente seduzido pelos sophismas da ideologia moscovita. Perdeu a calma, entrou a deblaterar contra a Igreja e, ao cabo de meia hora de exaltação, copiosamente transpirava... Apenas lhe observei, ao findar: — Reflecta você e veja se isso é objectividade, espirito imparcial e sereno de pesquisa scientifica, ou paixão, violencia de odio, injustiça e ingratição historica.

Comprehendo, portanto, que a penna do sr. Alcibiades Delamare se embeba em tinta rubra de sangue para escrever sobre os *chacaes communistas*. Não é a linguagem fria da



Sciencia; não é tam pouco o supremo esforço da caridade, na lição do Calvario: *Pater, dimitte illis*. . . é o verbo quente, vibrante, corrosivo, mas, em rigor, opportuno e justo, do promotor, a descobrir a hediondez do crime, reclamando a punição do reo.

O segundo volume é de assumpto de outra ordem, mais propriamente historico. Occupa-se de Francisco Solano Lopez e das figuras — victimas ou corresponsaveis — mais ligadas ao famoso despota paraguay. Ninguem ignora que *El Supremo* foi, durante alguns annos, idolo e carrasco de seu proprio paiz. Por outro lado, até hoje, a personalidade de Lopez apaixona adversarios e — o que é mais curioso — tambem entusiastas ardentes, como O'Leary. O *lopezguaismo* encontra razões, ou suppõe descobri-las, para exaltar o tyranno. Em debate dessa natureza a imparcialidade historica, si possivel, torna-se difficillima.

E para nós brasileiros, de modo especial. Por que ninguem pode esquecer, sem esforço de razão que domine o sentimento, quanto soffreram, na pugna cruenta, irmãos nossos de todas as idades e categorias sociaes. Por que, na apreciação das causas da luta, nem sempre logramos discernir nitidamente os graus de responsabilidade, na desorientadora complexidade dos antecedentes proximos e remotos. Por que afinal, nesses assumptos que envolvem a Patria, como lá da sua França escreveu o eminente Lavissee, não podemos jamais de todo esquecer que é "a carne da nossa carne, o sangue do nosso sangue".

Latinos, sul-americanos, sentimentaes e propensos aos tons fortes, algo berrantes, é-nos quasi impossivel o equilibrio sereno, a sentença fria, de pura erudição.

Pergunto, aliás: — é humanamente realizavel esta ideal ataraxia critica? Escriutores de forma impeccavelmente serena e seductora pela propria doçura, occultam sob esse arminho a mais insidiosa das parcialidades. O leitor por ventura já terá murmurado mentalmente Renan. . .

Scepticismo, então? Deus me livre de tal. Reconhecimento apenas da immensa responsabilidade que nos pesa nos hombros, como estudiosos de Historia, sobretudo contemporanea. Temos que corrigir, quanto nos é dado psychologicamente, o impeto do sentimento com os freios da razão.

Nem é simples questão de probidade scientifica. E' ainda uma divida de justiça christã, antes mesmo de ser imperativo da caridade. S. Thomaz, na *Summa*, é, de certo modo, generoso até com o proprio Diabo. Discute se ha nelle algo de bom: e resolve affirmativamente, emquanto *ser* ou *ente*, creado por Deus. . .

Sejamos justos e generosos, sem excepção, até com os Neros, Attilas e outros vultos do passado humano e deshumano.



Procura faze-lo, no prefacio ao volume do sr. Alcibiades Delamare, o sr. Conde de Affonso Celso, ao exaltar as nobres qualidades do povo paraguayo, victima principal aliás da tremenda luta de 64 a 70.

Sei muito bem que o Autor do volume. . . "*na voz da Historia*", ao atacar "*o despota sanguinario e sensual*", "*a personalidade treda e horripilante*", "*semelhante a um monstro lendario*", não entende absolutamente com essas expressões fortes reviver odios, nem reaccender velhas paixões.

E', todavia, antes orador inflammado que historiador severo e inflexivel.

Ninguem foge ao proprio temperamento. O sr. Alcibiades Delamare é e será sempre um entusiasmo ao serviço de causas nobres e altas. Palavra quente, não raro empolgante, adjectivação espontanea, periodo cadenciado para a dicção tribunicia, carece entretanto dos meio-tons, da *nuance*, das subtilezas e distincções da preocupação exclusivamente critica.

Dahi a *physionomia commum* a todos os seus trabalhos, ainda mesmo quando — como neste volume — a bibliographia é reveladora do estudo paciente da questão.

Paciente? Acho que me exprimi inexactamente. Estudo *impaciente*, deveria ter eu escripto. Não no sentido de superficial ou leviano, mas para indicar que, desde o inicio, antes, durante e depois do seu esforço de pesquisa, o sr. Alcibiades Delamare vibrava, *sentia*, sendo as suas ideas sempre coloridas, aquecidas, propellidas pelo sentimento.

Livro para ser lido com os mesmos estados de alma. Appreciado ou combatido. Nunca indifferente.

Creemos que é ainda cedo para que, pelo menos aqui e no Paraguay, a *Voz da Historia* possa pronunciar, sem um fremito, a sentença definitiva de Francisco Solano Lopez.



# CHRONICA FEMININA

## O CHRISTIANISMO E A PAZ

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Com a subida de Hitler á chefia do governo allemão um fremito de dolorosa expectativa percorreu o mundo. Sombria, a ameaça da guerra pairou, como uma nuvem de tempestade, sobre todos os espiritos. Haverá de se desvanescer, esperemolo, mas a inquietação allucinante veio patentear a pouca confiança inspirada pelas conferencias de desarmamento que se têm multiplicado de 1913 para cá. E a pouca efficacia que têm, de facto. São apenas flechadas inocuas que não logram penetrar na epiderme rugosa do monstro guerreiro, cujos rugidos de féra insaciavel abalam a terra agora, depois de 20 seculos de Christianismo, como a abalavam no tempo do velho Homero. Em que pese ás nossas pretensões de civilizados, temos de confessar que qualquer mulher de hoje poderá repetir com o mesmo horror, e a mesma oportunidade, as supplicas de Andromaca a Heitor. Se as batalhas não se travam mais em torno de uma formosa leviana, acirram-se por interesses pecuniarios. Houve uma mudança de valores, mas os effeitos são os mesmos. O culto da belleza cedeu o passo ao do dinheiro, no caminho percorrido pela humanidade, da Grecia aos Estados Unidos. O bezerro de ouro supplantou Venus.

Mas nesse intervallo aconteceu no nosso planeta alguma cousa que devia ter modificado completamente o curso dos acontecimentos. O nascimento de um Menino, a morte de um Deus.

Será possivel que o Christianismo, a mais profunda revolução da historia, tenha sido impotente deante da guerra?

Sem duvida, não podemos acreditar na ascensão continua da alma humana, nem imaginar homens nascendo mais proximos de Deus por terem tido avós piedosos. Seria negar a força do mal, a grande tragedia e a grande lição da nossa existencia. Seria negar o sentido real, fecundo e doloroso do peccado. O drama da vida do christão está justamente nisso, em ser um individuo sempre em luta. Em quem recomeça, a



todo momento, o misterio da Redempção. Em não ter nada de adquirido, de definitivo. Em se sentir sempre á beira de um abysmo que ameaça traga-lo para toda a eternidade.

Mas a sua nobreza está em saber de tudo isso e não desanimar. A distancia immensa que vae da caridade consoladora á philanthropia a blazonar de constructiva dá bem a medida da differença entre a concepção christã do homem e a materialista. E mostra que os verdadeiros realistas somos nós.

Portanto a Igreja, instituição de origem divina, mas de acção humana, não podia ter tomado uma attitude de condemnação absoluta em face da guerra. A não violencia de Tolstoi e de Ghandi é uma admiravel utopia, mas uma utopia. Revela um desconhecimento quasi ingenuo das fraquezas dos homens. E a Igreja é muito sabia para partilhar della.

Mas, se o nitido realismo conferido pela consciencia do mal não nos permite esperar uma humanidade perfeita, sem odios e sem rivalidades, a confiança na Redempção sempre renovada nos impelle a agir como se o fizéssemos. E a tentar tudo, embora certos de conseguir muito pouco. Não devemos, é verdade, contar com uma melhoria do genero humano; mas devemos contar com a acção sobre o individuo. A educação não póde tudo, mas póde muito. Mas para que a Igreja, possa aproveita-la, para fazer cumprir finalmente no mundo a sua mensagem de paz, é indispensavel o esforço de cada um de nós. A doutrina consegue menos, nesse ponto, do que a lenta formação das mentalidades, no recesso dos lares. A' mulher, a educadora naturál, compete a maior parte da delicada tarefa. Criar o instincto da paz, não nas gerações futuras que seria talvez até uma heresia, mas em cada criança, fazer com que se veja na guerra um crime eis a sua grande, sublime missão. Missão á qual tem falhado, inexplicavelmente.

Ha milhares de annos chora e se lamenta sem nada tentar para livrar os seus filhos da carnificina.

Será talvez um ponto de vista todo intimo que mudará. Mas no dia em que cada soldado marchar com a convicção atroz de estar cometendo um crime, ter-se-áfeito mais pela paz do que todos os tratados e conferencias. Estes, mesmo os melhores, são elementos coercitivos exteriores. E os unicos freios realmente fortes, realmente seguros são os interiores. Só a alma existe, em ultima analyse.



# CHRONICA POLITICA

(De 18 de Novembro a 17 de Dezembro)

H. SOBRAL PINTO

Quando a Belgica, no seu duro e longo martyrio, erguia clamores de lamentação impotente contra o guante do estrangeiro invasor, que, desde 1914, lhe comprimia, cruel, o patriotismo, Benedicto XV, justificando as esperanças que alimentava de um futuro melhor para o heroico povo belga, dizia, numa hora de intimidade, ao Embaixador flamengo, que o informava das iniquidades que estavam sendo praticadas pelos allemães contra o civismo da gente que a epopéa de Liége immortalisara: "Ha uma justiça neste mundo para as nações" (ETUDES, vol. 159, pag. 97).

Bem cedo os acontecimentos, no fulgor da sua realidade, vieram demonstrar a verdade radiosa das palavras consoladoras do Summo Pontifice. A guerra terminou com a derrota do germano orgulhoso, e a Belgica, retemperada pelas dôres do seu martyrio, resurgia das ruinas dos combates destruidores, para retomar, no concerto das nações civilizadas, o lugar de relevo, de que se vira tão brutalmente despojada. Os grilhões da sua escravidão passageira quebraram-se, repentinamente, pelo influxo da força do direito, e a sua altivez, proclamada com admiração, por todas as nações civilizadas, ficou fixada em documentos immorredoures, que a historia contemporanea aponta como exemplos sublimes aos povos que desejam trilhar o caminho da dignidade.

Nem podia ser de outro modo. A Belgica e o seu governo não se esqueceram jamais dos direitos do Eterno. Nos seus habitos, nos seus costumes, e na sua legislação, Deus é proclamado o Omnipotente, Creador de todas as cousas visiveis e invisiveis. Tamanha fidelidade não poderia ficar esteril. Assim, quando souu a hora da sua justiça, o Supremo Regedor do Universo veio em soccorro da heroica gente belga, para restituil-a ao seu anterior prestigio, mais fortalecida ainda nas suas energias moraes.

Estes exemplos de assistencia divina na vida das nações não são novos no curso da historia. Dos muitos de que nos dá noticia a Biblia, nenhum, por certo, é mais empolgante do que o da expedição de Holophernes.

Nabuchodonosor, rei dos Assyrios, deixou que a soberba invadissem o seu coração. Possuidor de grandes exercitos, achou que devia dominar o mundo pela força. Ordenou, por isto, a Holophernes, seu general, que sahisse a conquistar o mundo conhecido, espalhando, por toda a parte, a desolação e a morte. "Então" — narra a Biblia (JUDITH, cap. III, vv. 1 a 7) — "os reis e principes de todas as cidades e provincias, a saber, da Syria da Mesopotamia, e da Syria de Sobal, e da Libya, e da Cilicia, enviaram os seus embaixadores, os quaes, apresentando-se a Holophernes, disseram:

Cesse a tua indignação contra nós, porque melhor é que vivamos sendo vassallos do grande rei Nabuchodonosor, e que nos sujeitemos a ti, do que morrer, e com a nossa ruina, padecer os males da nossa escravidão.



Todas as nossas cidades e todas as nossas possessões, todos os nossos montes, e outeiros, e campos, e as manadas de bois, e os rebanhos de ovelhas e cabras, e de cavallos, e de camellos, e todas as nossas riquezas e famílias estão no teu poder;

Tudo está debaixo da tua lei.

Nós e nossos filhos somos teus escravos.

Vem ser para nós um senhor pacifico, e emprega-nos no teu serviço como bem te aprouver.

Então elle desceu dos montes com a cavallaria e com grande exercito e apoderou-se de todas as cidades e de todos os habitantes da Terra".

A essa capitulação vergonhosa fez excepção o povo d'Israel. Nação eleita por Deus para conservar, no seio do polytheismo satanico e depravador, o culto do unico e verdadeiro Creador do Universo, Israel não se atemorizou com as ameaças do general assyrio, a quem foi dado aviso de "que os filhos d'Israel", — continua a exposição biblica (Ibid., cap. V, vv. 1 a 4) — "se preparavam para resistir, e que tinham fechado as passagens dos montes:

E com demasiado furor se inflammou em grande colera, e chamou todos os principes de Moab e os chefes dos Ammonitas.

E disse-lhes: Dizei-me que povo é este que occupa os montes, e quaes ou quantas sejam as suas cidades, que poder seja tambem o deste povo ou qual a sua multidão, ou quem seja o general do seu exercito;

E porque, dentre todos os que habitam no Oriente, estes nos desprezaram, e não vieram ao nosso encontro para nos receberem em paz?"

Emquanto que o orgulhoso Holophernes não encontrava razões que justificassem tamanha ousadia dos hebreus, um dos seus ajudantes, Achior — conta a Santa Biblia (Ibid., vv. 5 e 6) — "Chefe de todos os filhos de Ammon, respondendo, disse: Meu senhor, se tu te dignas de ouvir-me, eu te direi a verdade na tua presença no tocante a este povo, que habita nos montes, e da minha bocca não sahirá palavra falsa.

Este povo é da raça dos Chaldeus".

Após resumir, em vastos apanhados, a historia accidentada do povo d'Israel, Achior, dirigindo-se a seu chefe, previne-o (Ibid., vv. 16 a 25): "Em toda a parte onde entravam sem arco e sem flexas, e sem escudo e sem espada, o seu Deus pelejou a favor delles, e venceu.

E não achou nunca quem insultasse a esse povo, senão quando se apartou do culto do Senhor seu Deus;

Porque todas as vezes que elles adoraram outro Deus que não fosse o seu, foram entregues ao roubo, á espada e ao opprobrio;

E todas as vezes que se arrependeram de ter deixado o culto do seu Deus, o Deus do céu lhes deu forças para resistirem.

Por ultimo assolaram o rei dos Chananeus, e dos Jebuseus, e dos Phe-reseus, e dos Hetheus, e dos Heveus, e dos Amorrheus, e todos os poderosos de Hezebon, e se apossaram das suas terras e das suas cidades;

E emquanto não peccaram contra o seu Deus eram felizes, porque o seu Deus aborrece a iniquidade.

E ainda ha poucos annos, havendo se desviado do caminho que Deus lhes tinha mostrado para andarem nelle, foram dispersos em batalhas por diversas nações, e muitos delles foram levados captivos a uma terra extranha.

Mas agora de pouco tendo se voltado para o Senhor seu Deus, elles se tornaram a ajuntar dos lugares por onde tinham sido dispersos, e subiram a todos estes montes, e estão outra vez de posse de Jerusalem, onde têm o seu santuario.

Agora pois, meu senhor, informa-te tu se este povo tem commettido algum peccado na presença do seu Deus, e vamos a elle, porque o seu Deus sem duvida os entregará ás tuas mãos, e ficarão sujeitos debaixo do teu poder.

Mas se este povo não tem offendido ao seu Deus, nós não lhe poderemos resistir, porque o seu Deus os defenderá, e nós seremos o opprobrio de toda a terra".



A impiedade pagã, na arrogancia do seu orgulho desmedido, não pôde comprehender a verdade profunda dessa narrativa historica. Enfureceu-se, na miseria da sua incredulidade. Mergulhados nas trevas espessas da sua ignorancia, clamaram os companheiros de Achior contra o seu testemunho veraz e desinteressado. "E succedeu", — conclue a Biblia (Ibid. vv. 26 a 29) — "que, tendo Achior cessado de falar assim, todos os magnatas de Holophernes se encolerisaram, e cuidaram em o matar, dizendo um para o outro:

Quem é este que diz que os filhos d'Israel podem resistir ao rei Nabuchodonosor e aos seus exercitos, sendo elles uns homens sem armas e sem forças, e sem sciencia na arte de pelejar?

Para que logo Achior conheça que nos engana, vamos aos montes, e, depois que forem tomados os valentes dentre elles, então, o passaremos com elles ao fio da espada,

Para que saiba toda a gente que Nabuchodonosor é o deus da terra, e que afóra elle não ha outro".

Não tardou Deus em mostrar a essa humanidade pervertida de que não ha neste Universo finito ninguem que seja de essencia divina. Esta é attributo exclusivo d'aquelle Sêr, que vive, sem que tenha tido jamais começo, no seio da Eternidade.

Para confundir os impios, que O insultavam, ordenou Deus á sua serva Judith que fosse até á tenda de Holophernes, para que, fingindo que consentia em ser pasto das suas paixões lascivas, o degolasse.

Cumpriu Judith, em tudo e por tudo, a vontade de Deus. E de tal modo que "Vagáo", — narra, ainda, a Santa Biblia (Ibid., cap. XIV, vv. 13-14) — "tendo entrado na camara de Holophernes, pôz-se deante da cortina e bateu com as suas mãos, porque imaginava que elle dormia com Judith.

Mas como, applicando o ouvido, não percebesse nenhum movimento de quem dormia, chegou approximando-se á cortina, e levantando-a, e vendo o cadaver de Holophernes sem cabeça que jazia estirado sobre a terra banhado de seu sangue, exclamou em voz alta com lagrimas, e rasgou os seus vestidos".

Que resultou, para os orgulhosos chefes assyrios, deste acontecimento tragico? Ouçamos a exposição da Biblia (Ibid., vv. 17-18; cap. XV, vv. 1 a 4): "E tendo ouvido isto os chefes dos exercitos dos assyrios, rasgaram todos os seus vestidos, e um insupportavel temor e susto os surpreendeu, e seus animos se curvaram em extremo.

E levantou-se um incomparavel clamor no meio do seu acampamento.

Quando pois todo o exercito soube que Holophernes estava degolado, perderam a razão e o conselho, e, agitados unicamente do temor e do medo, buscaram a sua salvação fugindo.

De sorte que nenhum fallava ao seu companheiro, mas de cabeça baixa, desamparado tudo, apressavam-se em escapar dos Hebreus, os quaes elles ouviam dizer que vinham de mão armada sobre elles, que fugiam pelos caminhos dos campos e pelas veredas dos outeiros.

Os israelitas, pois, vendo-os fugir, foram em seguimento delles; e desceram tocando trombetas e gritando após elles.

E como os assyrios desordenados iam fugindo precipitadamente, e os israelitas os perseguiam juntos em um só batalhão, destroçavam todos quantos podiam encontrar".

As nações não apostatam impunemente. Sempre que, pela accumulção de suas riquezas e o aperfeiçoamento de sua cultura, ellas se enchem de soberba, renegando a Deus, nas leis que decretam, e nos costumes que praticam, o castigo cáe sobre ellas, inexoravel e justiceiro. Os seus dirigentes perdem, no exercicio das suas funcções, a austeridade de attitudes que torna sagrada a autoridade. E os governados, só enxergam do nos homens publicos da sua nação a vã cobiça de mandar, negam-lhes a submissão do seu respeito, sem a qual não ha governo efficaz e progressista.



Soou para o Brasil a hora do seu castigo. Os nossos dirigentes, com o assentimento covarde das populações nacionaes, repelliram, ha quasi meio seculo, da vida collectiva da nação a presença do Soberano do Universo. Deus, e a sua Igreja, viram, com amarga tristeza, postergados todos os seus direitos sobre a consciencia nacional, violentada por uma legislação, que teimou em lhe dar como representante um poder publico agnostico e irreligioso.

A sancção divina não podia, assim, tardar em cahir sobre as nossas cabeças, carregadas de peccados.

A nação toda precisava de expiar a sua maldade orgulhosa. Foi por isto que surgiu, no curso da sua vida historica, o cataclysmo revolucionario de 1930, cujas consequencias destruidoras ainda se produzirão por muito tempo no nosso meio social.

O poder publico continuará, portanto, e ainda por largo periodo, nas mãos de homens alheios ao imperio da verdade, para que, escudados nos postulados falsos de doutrinas perversas, continuem a manejar a clava possante das theorias revolucionarias, cuja applicação, no seio da nossa sociedade, exerce a funcção purificadora de instrumento implacavel de flagellação necessaria de todos os vicios, individuaes e collectivos, que brotam, incoerciveis, nos costumes de um povo como o brasileiro, que, desconheceu, arrogantemente, as leis eternas de Deus Todo Poderoso.

Eis porque, discursando em sessão solemne, realisada no Theatro Municipal desta capital, e na presença do Chefe do Governo Provisorio e dos seus Ministros, o General Waldomiro Lima, que nella se via homenageado, proclamou, altaneiro e soberbo (O RADICAL, de 20 de Novembro): "As revoluções, que são um processo natural de evolução, costumam accentuar os conflictos entre as forças conservadoras e as correntes revolucionarias que as desencadeam. As idéas só se retemperam e as forças só se organisam, quando attritadas pelas contradicções ou sob a offensiva de forças oppostas. E' por isto que as correntes de opinião, fortalecidas pelo espirito de lucta, depois das sublevações ou dos conflictos armados, se empenham sempre num trabalho intenso de revisão de idéas e de reconstrucção de opiniões, para precisarem os limites de suas aspirações e de seus campos de actividade e se affirmarem vigorosamente como grupos distinctos.

Mas, infelizmente, essa demarcação de linhas entre os agrupamentos politicos que se disputam o poder para realisarem os seus programmas de acção ou satisfazerem os seus appetites de mando, é um resultado lento e progressivo de grandes esforços desenvolvidos, quasi todos impulsos instinctivos, sem o character de actividades organisadas. A historia nos ensina que ás revoluções sempre succede immediatamente um periodo mais ou menos longo de confusão e de anarchia, de desordem e de tumulto, de inquietação e de incertezas até que do cháos estabelecido por ellas se desprendam, bastante consolidadas, as forças novas que vão elaborar a obra de reconstrucção politica, social e economica sobre as ruinas dos regimens destruidos.

Esse periodo sombrio de incertezas, de inquietação e de violencias, em face de situações novas e dos novos rumos a tomar, explica-se pelo facto de que as revoluções, como já se observou, "não se podem fazer sem certos elementos", e depois de realisadas, não se podem desprender delles sem difficuldade... Os realisadores e os reconstructores, nos periodos post-revolucionarios, raramente se recrutam entre os exaltados que foram necessarios para desencadear a Revolução. E' por isto que, para se restabelecer um equilibrio e se reinstallar um regimen de estabilidade, decorre esse processo laborioso, em que as revoluções costumam devorar os seus próprios filhos".

Essa é a mentalidade dos homens que empunham as rédeas do poder publico, no seio do Brasil contemporaneo. As revoluções, que surgem, violentas e implacaveis, no curso da vida de um povo, são phases necessarias da sua evolução social. Ellas nada mais traduzem do que o choque inevitavel de correntes ideologicas contrarias, em busca do predominio



exclusivo de uma, após o esmagamento total da outra. E' o principio darwiniano da selecção natural, applicado ao dominio dos factos sociaes. Vencerá a corrente mais forte, aquella que souber manejar, com mais intelligencia e melhor opportunidade, o elemento decisivo: a força.

Dentro dessa conceituação materialista da sociedade, equiparada, em tudo, aos organismos animaes, não ha lugar para as sublimes aspirações humanas, que têm o seu fundamento basico na concepção espiri- tualista da creatura racional.

Era logico, por consequencia, que o general Waldomiro Lima, ao fixar, nesse mesmo discurso acima referido, os principios cardeaes da nova organização politica, que tem como necessarios para a obra revolucionaria, proclamasse que a Constituição a ser decretada para o Brasil precisa consignar (Ibid.) a "consagração do estado leigo pela absoluta separação da Igreja e do Estado e pela ampla liberdade de crenças e de cultos".

Sequaz da philosophia politica, que considera Deus um conceito puramente imaginario da razão humana, o General Waldomiro Lima ao preconisar, das eminencias da sua investidura no poder publico do Estado de São Paulo, o atheismo official, está sendo, sem que o presinta, o instrumento vingador da Providencia, justamente indignada contra a capitulação, vergonhosa, da consciencia nacional, que, durante 40 annos, viveu, amorpha e resignada, sob o jugo oppressor dos politicos da Republica velha, que timbraram em impôr-lhe uma Constituição hostile á sua crença religiosa.

O atheismo é escola de violencia. Quem, em presença do Universo, teima em desconhecer ou negar a existencia de elementos espirituaes, que estão acima do mundo material alcançado pelos sentidos externos, não póde deixar de reconhecer como unico factor decisivo e de exito, no dominio da actividade humana, senão o impulso, incoercivel, das leis phisicas e naturaes.

Em face da materia bruta só a quantidade tem valor e importancia, porque só a força material é que prepondera.

Uma vez, portanto, que o facto social é equiparado, na sua substancia, nas suas leis, e na sua causalidade, nos factos da natureza bruta, tudo ha-de ser resolvido segundo o criterio unico do mais forte.

Pois bem, foi essa philosophia politica, que, em sua essencia, se implantou no amago da mentalidade brasileira por força da Constituição agnostica de 1891. E o nosso povo, que se dizia e proclamava christão intransigente, consentiu, sem protesto, que os nossos dirigentes de ha 40 annos, affrontando os direitos do Eterno, riscassem os seus preceitos de toda a nossa legislação.

A colera divina não podia deixar de se manifestar. E o fez abandonando o infiel povo brasileiro ao jogo funesto dessa politica athéa, que o acabou subjugando entre as tenazes malditas da sua corrupção oppressora.

Julgavam todos que o atheismo politico de 1891 ficaria restricto apenas á esphera do espirital. Deus, na sua magestade excelsa, seria o unico a soffrer os reflexos da ingratição dos poderes publicos nacionaes. Mas, o povo, nos seus interesses materiaes, e na tranquillidade social da sua vida collectiva, nada padeceria.

De breve duração foi essa illusão funesta. A gente pobre das cidades e dos campos começou, passados alguns tempos, a verificar que os dirigentes da nação brasileira não se contentavam somente com a postergação dos direitos de Deus. A sua ambição visava, tambem, esmagar os direitos da propria dignidade do cidadão. Elles queriam, ainda, mandar sem contraste nem opposição sobre tudo e sobre todos, teimando em considerar inimigos da cousa publica todo aquelle que, em nome da dignidade do cidadão e dos interesses da collectividade, ousasse divergir dos programas politicos e administrativos dos detentores do governo.

Os abusos do poder publico, manejado pelos politicos da velha Republica, foram se accumulando de anno para anno, e attingiram a taes extremos de intensidade, que os cidadãos brasileiros, em maioria esmagadora, não trepidavam em apoiar, dispostos e corajosos, a todas aquellas



individualidades, que, em nome da vontade nacional ultrajada, apontavam como unico caminho de salvação o do recurso ás armas.

Vemos, desse modo, que esse povo christão, que não teve o mais simples gesto de repulsa para com a attitude dos revolucionarios de 1889, que desthronaram Deus da sua realza sobre a nação brasileira, acabou, entretanto, por se levantar, collectivamente, contra a mentalidade desses revolucionarios, que timbravam em pisar os seus direitos civicos.

Não era possivel que a Providencia fosse esquecer mais essa affronta á sua dignidade. Deixou, por isto, que a Revolução de Outubro se tornasse victoriosa, sob a chefia desses homens que se proclamavam os pioneiros da regeneração da vida publica nacional.

E a regeneração ahi está, com todo o seu sequito de mentiras, de hypocrisias, e de inversão de valores.

Os soffrimentos da nação brasileira, porém, estão muito longe do seu termo tão ambicionado. Como a culpa da nacionalidade é immensa, porque o seu crime é o da apostasia do seu Deus, vivemos todos, nesta hora dramatica, sob a ancia de ameaças bem mais sombrias, porque são dirigidas, directamente, contra a estabilidade da propria familia, como o faz certo este outro ponto do programma do general Waldomiro Lima: "Reconhecimento da familia e da egualdade politica, civil e social de ambos os sexos, assegurada pelo divorcio a "vinculis", por consenso mutuo e em casos especificados em lei".

Nem se diga que se trata de ponto de vista de uma individualidade isolada. O Congresso Revolucionario, promovido pela Legião 5 de Julho, e pelo Club 3 de Outubro, no programma, que adoptou, no correr das suas sessões, preconisa, no capitulo das theses sociaes, estas duas (CORREIO DA MANHÃ, de 6 de Dezembro): "Declaração de direitos, SEGUNDO O ESPIRITO DA CONSTITUIÇÃO DE 91 e da revolução brasileira, restrictos, em bem da communhão, os direitos da propriedade e herança.

Proteger a instituição da familia, como base da organização social brasileira; desenvolver a cultura moral do povo, elevando o nivel dos costumes; amparar a maternidade, a infancia pobre, a velhice, e os invalidos; liberdade de cultos; INTERESSAR-SE PELO ESTABELECIMENTO DO DIVORCIO A VINCULO, caso isso venha a corresponder á opinião da maioria do partido".

Laicismo e divorcio, eis dois principios cardeaes desse Congresso Revolucionario, que se encerrou sob a presidencia honoraria do sr. Washington Pires, Ministro da Educação, que, agradecendo essa investidura que lhe conferiam, declarou, com todo o peso da sua autoridade de representante da politica mineira junto ao Governo Federal (CORREIO DA MANHÃ, de 22 de Novembro): "O Congresso Revolucionario brasileiro conferiu-me a inesperada honra de assumir a presidencia dos seus trabalhos, no momento em que presta uma significativa homenagem ao sr. general Waldomiro Lima, illustre Interventor federal no Estado de São Paulo.

TENHO A IMPRESSÃO DE ASCENDER AO MAIS ALTO POSTO DE QUANTOS TENHO ASCENDIDO EM MINHA VIDA, POIS QUE PRESIDIR UM VERDADEIRO CONGRESSO REVOLUCIONARIO, NESTA HORA, É PRESIDIR UM CONGRESSO DA NAÇÃO BRASILEIRA.

Peço ao destino que me seja propicio, que me seja bondoso, fazendo com que eu possa cada vez mais me misturar, me diluir, na grande idéa revolucionaria brasileira".

E' dessa maneira mediocre, vulgar, e demagogica que os vultos de maior responsabilidade da politica revolucionaria se dirigem aos seus cidadãos.

E' com tristeza amarga que os homens, que não perderam o senso do equilibrio e da ponderação, vêm os dirigentes da hora actual confundir a nação brasileira, — que se plasmou ao influxo dos preceitos sadios do Evangelho de Jesus-Christo, — com esse amontoado de uma centena de individuos, que, por autoridade propria, se investiram, ousada e levianamente, em genuinos interpretes das aspirações brasileiras.



Infelizmente, os proprios dirigentes, cujos pés estão a tocar a sepultura, como o sr. Olegario Maciel, perderam, por completo, a noção das suas responsabilidades.

Esse venerando politico republicano, que reclama para si o direito exclusivo de falar em nome da gente mineira, ao ler o discurso do general Waldomiro Lima, cujos trechos mais atraz transcrevemos, achou que devia de dirigir a esse militar um telegramma, onde, entre outras cousas, declara (O RADICAL, de 22 de Novembro): "Depois de lêr a memoravel peça que V. Exa. teve occasião de pronunciar a proposito brilhantes e merecidas homenagens recebidas capital paiz, ás quaes me associei, fazendo-me representar, quero levar bravo e glorioso General o testemunho mais vivo de meus agradecimentos pelas expressões altamente generosas com que se referiu minha pessoa..."

"Memoravel peça" qualifica o sr. Olegario Maciel a esse discurso, onde o General Waldomiro Lima preconisa o atheismo official, e pleiteia o divorcio a vinculo! E Minas-Geraes, o Estado que, na communhão brasileira, pretende ser o reservatorio de todas as energias espirituaes e moraes da nação, cala-se, resignado, ante a attitude do seu mais alto representante, que bate palmas, entusiasticas e ardorosas, ao pregoeiro ousado do estado atheu, e da familia prostituida.

Como impedir, portanto, que a inquietação nos invada a alma, e a mergulhe toda na mais cruciante das agonias? Todo o mundo sente que já não ha, nos dominios da vida publica, nenhum centro mais de resistencia conservadora. Tudo está nivelado. Com a indisciplina geral dos espiritos já não ha mais, no seio da sociedade brasileira, nenhuma autoridade, moral. Edade, experiencia, exercicio de funcções publicas, cultura intellectual, virtudes moraes, todo esse conjuncto de qualidades, que, nas collectividades sadias, tornam respeitado e acatado o homem que as possúe, deixaram de ter qualquer significação no ambito da nossa vida publica. Dir-se-ia que o germen da insania, desprendendo-se dos manicomios, que o retinham, entre as suas paredes de dôr e de soffrimento, penetrou, sorrateiro e pervesro, na mente de todos os que, tocados pela ambição do mando, se dispuseram a acceitar, em terras brasileiras, funcções politicas e administrativas.

Nada traduz melhor a inconsciencia dramatica da hora que passa do que esse episodio occorrido numa das sessões do Congresso Revolucionario Brasileiro.

No intuito de pôr um pouco de ordem nos seus trabalhos, os dirigentes do Congresso deliberaram provocar da assembléa uma definição da sua ideologia. Fôram offerecidas, com este objectivo, innumeradas propostas, acabando por ser acceita, pela commissão central de coordenação dos trabalhos, esta definição do Major Juarez Tavora (DIARIO DE NOTICIAS, de 18 de Novembro): "Como representante da commissão executiva do Club 3 de Outubro, dentro do espirito das theses aprovadas pela sua primeira convenção nacional, — proponho que este congresso adopte, como directriz geral da sua ideologia, a tendencia social-nacionalista, isto é molde o seu programma nos principios geraes do socialismo, mas subordinando-as, a cada passo, ás realidades e tendencias nacionaes.

Como meios mais praticos de attingir esse objectivo, que se propugne pela syndicalização de classes, com direito de representação politica, já no proximo congresso constituinte e pela instituição de um regimen que nos livre da hipertrophia executiva que caracteriza o presidencialismo, sem sujeitar-nos ás surpresas da dispersão de esforços que provavelmente nos traria um regimen de puro parlamentarismo.

E como lemmas syntheticos: o interesse da collectividade acima do interesse do individuo; o nacionalismo acima do socialismo; o governo exercido pelos cidadãos encarados sem distincção de qualquer especie, como cellulas da sociedade politica e como elementos componentes de todas as classes profissionaes que o integrem".

Que succedeu, com a votação dessa proposta, que nunca poderia ter sido firmada por um catholico, como é o Major Juarez Tavora, desde que



Pio XI na Enciclica Quadragesima proclamou: "Socialismo religioso, socialismo catholico, são termos contradictorios: NINGUEM PÓDE SER AO MESMO TEMPO BOM CATHOLICO E VERDADEIRO SOCIALISTA?"

Eis o que, a respeito, dessa votação, informa o DIARIO DE NOTICIAS (Ibid.): "A commissão coordenadora, seleccionando as definições, communicou á casa que havia sido victoriosa a formula proposta pelo Major Juarez Tavora, que sugere a agglutinação da familia revolucionaria dentro do traçado politico de um partido denominado Partido Nacional Socialista.

Submettida a formula Juarez á approvação da assembléa, usaram da palavra varios oradores, dentre os quaes se destacaram os srs. Arthur Marinho, Aggripino Nazareth, Corrêa de Mello e José Oiticica.

O sr. Aggripino Nazareth propôz se modificasse o nome de Partido Socialista Brasileiro.

O sr. José Oiticica demonstrou que a formula Juarez Tavora, apresentada em nome do Club 3 de Outubro era faccista.

O Major Juarez Tavora pede a palavra e faz um discurso justificando a sua proposta, e, defendendo-se da accusação de preconizador do faccismo, declarou QUE É CONTRARIO ÁS DICTADURAS e que o socialismo por elle apoiado é contrario ao "internacionalismo".

A assembléa se agita. Erguem-se vivas e protestos. Os oradores se succedem na tribuna, baralhando a questão.

O sr. Amador Cysneiros, em nome da commissão coordenadora, pede a palavra e propõe a seguinte modificação no nome do Partido: invés de Partido Nacional Socialista, Partido Social Brasileiro.

Applausos. Vivas, Quando se deu por approvada a modificação, destinada a conciliar os pontos de vista oppostos, surgem novos debates, estabelecendo-se nova confusão.

ATÉ ÁS PRIMEIRAS HORAS DA MADRUGADA NÃO SE CHEGOU A UM ACCÔRDO".

Este é o fiel retrato da realidade brasileira. Ninguem se entende. Todos falam, e não ha um só que ouça. O tumulto tomou o lugar da ordem. Não se raciocina, vocifera-se. As idéas fôram substituidas pelas paixões. A competencia foi escorraçada dos conselhos do Governo, para que nelles tivesse assento a inexperiencia. As suggestões do bom senso são afastadas em nome do progresso. O que tem o condão de accender todos os enthusiasmos são theses esdruxulas como esta, que o Congresso Revolucionario Brasileiro votou (CORREIO DA MANHÃ, de 5 de Dezembro): "Instituir o Legislativo Federal bi-cameral, com uma Camara politica, eleita pelo suffragio universal directo, e outra syndical, eleita pelas classes profissionaes, mediante censo especial indirecto. Esta ultima Camara elegerá, dentre os seus membros, os Conselhos technicos, com funcção consultiva junto ao Congresso, aos Ministerios e Conselho Federal".

O que se quer é novidade. Pouco importa que nações europeas, muito mais bem organisadas do que a nossa, e que dispõem de syndicatos profissionaes formados ha muitos annos, tenham repellido o parlamento professional. Que significação póde ter, a esse respeito, o parecer do sr. Raul Fernandes (JORNAL DO COMMERCIO, de 20 de Novembro), attestando, após o estudo comparado das ligeslações dos povos europeus, que "é nulla a experiencia da representação professional, pelo menos nos Estados democraticos contemporaneos. E é um facto significativo que, nos paizes onde as novas Constituições se fizeram sob o contrôle preponderante dos partidos da esquerda, essa innovação foi repellida"?

Porque dar acolhida a esta opinião de Oliveira Vianna (CORREIO DA MANHÃ, de 4 de Dezembro): "O meu pensamento... sobre este ponto é que não devemos pensar, por emquanto, numa representação professional na Assembléa Nacional. O maximo que poderíamos fazer seria armar a Assembléa Nacional da faculdade de instituir este regimen quando julgar opportuno, isto é, logo que venha a reconhecer que a organização professional das nossas classes já attingiu um gráo de maturidade capaz de assegurar uma legitima representação parlamentar.



O que mais nos conviria, o que penso seria mais util e fecundo, o que resolveria mais efficientemente o problema da participação das classes na obra do Estado, seria a consagração constitucional dos conselhos technicos. Para a formação destas pequenas corporações profissionaes, já não seria preciso aquella poderosa estruturação syndicalista, que a representação politica das classes presuppõe, e que é mais obra do tempo do que das leis. Nos conselhos technicos, o que se procura é uma *representação de competencia* e não de *interesses*, — e para isto não seria difficil recrutar um corpo de especialistas ou technicos á altura da sua missão.

Em vez de uma representação de classe, IMPOSSIVEL NO MOMENTO, seria mais conveniente organisarmos, junto aos órgãos do Governo Federal, um systema de corporações technicas, de character profissional, representativas dos grandes interesses sociacs, economicos e culturaes do paiz: Conselho da Agricultura, Conselho da Industria, Conselho do Commercio, Conselho do Trabalho, Conselho dos Transportes terrestres, Conselhos dos Transportes maritimos, Conselho da Educação, Conselho da Hygiene, etc?"

Ponderações deste equilibrio e serenidade não pódem ser recebidas com agrado, pelos homens, que, actualmente, empunham a direcção dos negocios publicos do paiz. Ellas traduzem, em todo o vigor do seu bom senso, a realidade brasileira, e os revolucionarios, vivendo na esphera abstracta dos systemas falsos e defeituosos, têm de repelli-las, porque, no dia em que ellas vierem a preponderar, nos Conselhos de Governo, elles, que estão em permanente contradicção com a realidade nacional, ver-se-ão, automatica e naturalmente, afastados dos postos de mando, que occupam, sem titulos, nem legitimidade.

Para castigo do paiz, os acontecimentos vão se encaminhando no sentido de continuar elle a ser dirigido por essa cohorte immensa de homens estonteados e inexperientes, que a Revolução de Outubro collocou nos postos de governo.

Verificando os actuaes manejadores da cousa publicã que não seria possivel manter, por muito tempo, esse regimen discricionario, que não conhece barreiras nem limites ao arbitrio soberano dos governantes, estão tratando de organizar, á imitação do que se fazia na Republica velha, correntes partidarias, que têm como principal motor da sua acção absorvente, a força incontrastavel dos differentes poderes executivos estadoaes.

Deu o exemplo dessa nova orientação o sr. Flores da Cunha, que não se fartou de ofierecer inequivocas demonstrações de que o Partido Republicano Liberal, recentemente creado em Porto-Alegre, é mera aggre-miação governamental. A Federação, órgão official do novo Partido, assim noticiou a posse de sua commissão directora (CORREIO DA MANHÃ; de 23 de Novembro): "REUNIRAM-SE, HOJE, NO PALACIO DO GOVERNO, ÀS 10 HORAS, EM SESSÃO PLENARIA, OS MEMBROS COMPONENTES DA COMMISSÃO DIRECTORA DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL, AFIM DE SE EMPOSSAREM NOS MANDATOS QUE LHES FÔRAM CONFERIDOS PELA GRANDE ASSEMBLÉA DA NOVA AGGREGIAÇÃO POLITICA, realisada ante-hontem no Theatro Colyseu, para o encerramento do recente Congresso dos Prefeitos, Chefes politicos gaúchos e commandantes de corpos. NA PRESENÇA DO PRECLARO GENERAL FLORES DA CUNHA E DO EMINENTE MINISTRO OSWALDO ARANHA REALISOU-SE O ACTO DA POSSE, assumindo, tambem, a direcção de Secretario geral do Partido o sr. Darcy Azambuja".

E para que não só a gente gaúcha, como tambem o povo brasileiro, não tivessem a mais longinqua duvida sobre as origens governamentaes dessa nova aggre-miação, destinada, como o extincto Partido Republicano Conservador de Pinheiro Machado, a comprimir todas as consciencias, que dependam, em virtude de grandes interesses, da bôa vontade do poder publico, o sr. Getulio Vargas, em telegramma ao Ministro Oswaldo Aranha, e redigido em linguagem familiar, impropria para um Chefe de Estado, proclama, alto e bom som (DIARIO CARIOCA, de 18 de Novembro): "Julgo excellento o programma do novo partido, que satisfaz com acerto os objectivos de nosso quadro historico. Surge em momento renovador



e constructor, e, num instante dramatico da vida brasileira, visando precipuamente salvar as conquistas da revolução, cujos principios consolida, continuando na sua phase preparatoria a campanha da Alliança Liberal”.

Após essa consagração official, o sr. Getulio Vargas, que se proclama o mais legitimo propugnador do nacionalismo brasileiro, e o mais intransigente adversario do regionalismo estadual, não se esquece, entretanto, de apontar o Rio Grande do Sul como o Estado pioneiro da nossa renovação politica. “Urgia concretisar em uma forte organização partidaria”, — continua a expôr S. Exa., — “o material admiravel que é a intelligencia, a aptidão realizadora, a capacidade de dedicação e sacrificio do povo rio-grandense. Uma vez que do Rio Grande parte o braso renovador da reconstrucção politica do paiz, é natural que appareçam no programma partidario, DADAS AS PARTICULARIDADES DE SUA SITUAÇÃO GEOGRAPHICA E DE SEU DESTINO HISTORICO, em formulas precisas, os ideaes collectivos. Cabe-lhe proclamar como artigo de fé o constante fortalecimento da unidade nacional e o predominio de amplo sentimento de brasilidade”.

Essa attitude do Chefe do Governo Provisorio não podia deixar de produzir os melhores fructos na fertil seára dos grupos revolucionarios estadoaes. A’ sombra desse exemplo, que vinha de tão alto, os demais Interventores estadoaes logo descobriram o rumo, que deveriam seguir, afim de, nas suas respectivas Regiões, “salvar as conquistas da revolução”.

Estimulado pelo procedimento do sr. Getulio Vargas, o Interventor Lima Cavalcanti cuidou logo de fundar, em Pernambuco, o Partido Social Democratico. Justificando a formação desse agrupamento politico, disse, em manifesto (DIARIO DE NOTICIAS, de 19 de Novembro): “Quando se approxima a volta do paiz ao regimen constitucional, desfeitas as antigas organizações que corrompiam o regimen, e se encaminhando em seguras bases os principaes abjectivos do movimento revolucionario, já se faz porem, sentir a necessidade da existencia de partidos que possam fazer com que prevaleçam os ideaes da revolução, sem personalismo, nem interesse subalterno.

A MIM, NÃO COMO INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO, MAS COMO RESPONSÁVEL PELA SITUAÇÃO NELLE INAUGURADA EM 1930, á qual dediquei todas as minhas energias, desde a phase conspiratoria, CABE ESSE TRABALHO DE COORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS QUE SE ACHAM DISPOSTOS A COLLABORAR NA OBRA DE ENGRANDECIMENTO DO ESTADO E DO BEM COMMUM”.

Não satisfeito, ainda, dessa distincção pharisaica, na sua pessôa, da entidade do Interventor e da entidade do homem politico, o sr. Lima Cavalcanti, sentindo bem o scepticismo com que seria acolhida a sua declaração, esforça-se, entretanto, por explicar a logica natural da sua attitude: “Como coordenador de actividades politicas, não subordino a minha autoridade de administrador aos interesses de partido, mas sempre ao programma revolucionario, que deve ser a bandeira da organização que ora se forma, organização impessoal, sem exclusões, senão dos elementos que se incompatibilisaram com a nova ordem de cousas instituidas no paiz, pelos seus antecedentes de reacionarismo extremado.

Lançando agora um manifesto, em que traço as linhas geraes de uma nova organização politica em Pernambuco, procuro apenas propugnar a arregimentação dos elementos que desejam servir aos interesses do Estado e do paiz, facilitar a união dos elementos moralmente idoneos que desejam um regimen de rigorosa moralidade, para o bem colectivo”.

E’ de pasmar o atrevimento desses proceres revolucionarios! O sr. Lima Cavalcanti redige, elle sósinhlo, um manifesto politico, onde, sob a inspiração exclusiva da sua vontade, collige umas tantas idéas que pretende fazer vingar na vida publica da nação, convocando, em seguida, para trabalhar por ellas, todos os que consintam em acceitar a sua chefia. Após assim proceder, tem o sr. Lima Cavalcanti a audacia inacreditavel de dizer que a nova aggremação politica, — que fundou estribado na autoridade de Interventor, que a sua pessoa encarna — actuará, no seio de Pernambuco, “sem personalismos nem interesses subalternos!”

A’ vista destas attitudes dos homens que empunham o poder publico



no Brasil desta hora, nenhuma estranheza causou á opinião nacional esta noticia vehiculada por um dos nossos orgãos da imprensa diaria (CLAREIO DA MANHÃ, de 2 de Dezembro): "O "Correio da Manhã" divulgou as deliberações tomadas NA GRANDE REUNIÃO REALISADA NO PALACIO DO INGÁ, NA TARDE DO DIA 9 DE NOVEMBRO ULTIMO, SOB A PRESIDENCIA DO COMMANDANTE ARY PARREIRAS.

Nessa reunião foi designada uma commissão composta dos srs. General Christovão Barcellos, Commandante José Alipio Costallat e drs. Cesar Tinoco, Vicente de Moraes e Macedo Torres, PARA ELABORAR OS ESTATUDOS DO PARTIDO POLITICO SOCIAL ESTADO DO RIO, EM ORGANISAÇÃO.

Essa commissão vae reunir-se hoje á noite, na visinha capital fluminense, afim de discutir as bases dos referidos Estatutos".

No dia seguinte, voltava novamente o mesmo matutino a informar (Ibid., 3 de Dezembro): "A commissão encarregada de elaborar o estatuto organico do NOVO PARTIDO POLITICO DO ESTADO DO RIO, REALISOU HONTEM UMA REUNIÃO PRELIMINAR, NUMA DAS DEPENDENCIAS DO PAVIMENTO TERREO DO PALACIO DO INGÁ.

Depois de animados debates, ficou resolvido que na proxima segunda-feira, ás 4 horas da tarde, reunir-se-á novamente, afim de votar o regimento do Partido e escolher definitivamente a sua denominação.

O relator do Estatuto organico será o Commandante José Alipio Costallat".

Todos estes factos não deixam de pé qualquer esperanza sobre a formação de grandes correntes politicas sob a só inspiração de idéas sadias e de interesses collectivos. O que elles indicam é o proposito firme e asentado dos actuaes dirigentes do paiz de organisarem grupos partidarios que se disponham a soffrer, passiva e pacientemente, a influencia avassaladora do poder publico que esses dirigentes manejam arbitraria e soberanamente.

Vemos, desse modo, que o sr. Getulio Vargas já se esqueceu, de pressa das palavras que empregou no manifesto, que, em Maio de 1932, dirigiu á Nação (JRNAL DO COMMERCIO, de 15 de Maio): "OS PARTIDOS POLITICOS, COMO INTERPRETES DO PENSAMENTO NACIONAL, HAVIAM DESAPARECIDO. OS PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO ABASTARDAVAM-SE. AS ELEIÇÕES TRANSFORMARAM-SE AOS POUCOS, EM VERDADEIRA BURLA; OS ELEITORES VOTAVAM SEM LIBERDADE DE ESCOLHA ou a acta falsa substituia summariamente a vontade do eleitorado.

Os vinte Estados, em que se subdividira o mappa do Brasil, ANNULADO O PODER DE REPRESENTAÇÃO, VALVULA DE SEGURANÇA DO REGIMEN, com raras excepções, DEBATIAM-SE PRESOS DE GOVERNOS OLYGARCHICOS, QUE EXPLORAVAM, EM BENEFICIO PROPRIO, AS POSIÇÕES E OS PROVENTOS MATERIAES".

S. Exa., agora, como Chefe do Executivo Federal acha entretanto, que não constitue verdadeira burla confiar ao Partido Republicano Liberal, fundado pelo Interventor Flores da Cunha, para apoiar a Dictadura, a missão de fixar, "em formulas precisas, os ideaes collectivos" (DIARIO CARIOCA, de 18 de Novembro).

Denunciemos, com franqueza e destemor, esse novo monstro, que o chãos revolucionario produziu, e que tenta, hirsuto e esfomeado, comprimir a consciencia da Nação entre as suas garras aduncas e poderosas. E' o absolutismo que reaparece, feroz e ameaçador nos horizontes da nacionalidade. "O traço caracteristico do absolutismo", — doutrinou Ketteler ((In Georges Goyau, KETTELER, pags. 39-40) — "consiste na tendencia do poder civil em usurpar a autoridade sem limites em detrimento dos individuos e das corporações, tendencia que se revela, sobretudo, numa centralisação incommensuravel. O absolutismo é ambicioso e ciumento em excesso; ELLE QUER PENSAR POR TODOS, ADMINISTRAR POR TODOS, AGIR POR TODOS, INSTRUIR E TORNAR FELIZ TODO O MUNDO. ELLE NÃO DEIXA AOS OUTROS SENÃO A PREOCCUPAÇÃO DE TRABALHAR, DE PAGAR, E DE FAZER ELEIÇÕES SEGUNDO OS PROCESSOS DO SEU LIBERALISMO. Toda indepen-



dencia lhe é odiosa, e lhe parece formar o que elle chama *um Estado no Estado*. ELLE QUER EXISTIR SÓ, RESPONDER SOSINHO POR TODOS, SER O SUSTENTACULO DE TODOS”.

Está, portanto, rigorosamente dentro da logica do momento esta medida da deportação de todos os adversarios mais intransigentes do Governo Provisorio, de que nos deu noticia o “O RADICAL” de 30 de Novembro: “Sem alarde, mas, tambem, sem hesitação, o Governo Provisorio prosegue, resolutivo, inflexivel, na sua obra patriótica de saneamento politico do paiz.

Ainda agora mesmo, provando esses propositos da Dictadura, o “Raul Soares” conduz para o exilio mais uma leva de presos politicos civis e militares.

Isto equivale a dizer que o Governo, embora sem lançar mão DE VIOLENCIAS EXCUSADAS, está punindo, com a devida severidade, OS MÁOS BRASILEIROS que não trepidaram em lançar o paiz na aventura sinistra da guerra civil.

São poucos já, muito poucos, os presos politicos da insurreição paulista que ainda se encontram no Rio, á espera de deportação oportuna”.

Todos esses elementos, pelo prestigio que desfructam no seio das populações civis, e no meio das forças armadas, poderiam vir a ser, se continuassem no paiz, centros de natural resistencia aos desejos de mando incontrastavel, que nutrem os governantes actuaes, que reservam para si o direito exclusivo de interpretar a vontade da Nação.

Como, porém, não é possivel a um governo expulsar do territorio nacional todos os seus adversarios, quando estes são legiões, o Chefe do Governo Provisorio baixou o Decreto n.º 22.194, de 8 de Dezembro (O RADICAL, de 10 de Dezembro), em cujo art. 1.º estabeleceu: “Ficam suspensos por tres annos os direitos politicos dos que se acharem incluidos em qualquer dos dispositivos enumerados nos paragraphos seguintes:”. Vêm, então, 14 itens, redigidos em termos vagos e sybilinos, de modo a permittirem ao Governo Provisorio, de accôrdo com as necessidades, que exclua dos comicios eleitoraes todas as individualidades que estejam a importunar-o. Para se ter noção exacta do arbitrio immenso que o Governo para si reservou, nesta materia, basta attentar neste item h): “Todos os que tenham tomado parte no levante militar OU AUXILIADO POR QUALQUER FORMA e preparado o desencadeamento da rebellião, ou a elle, posteriormente, PRESTADO SEU CONCURSO”.

Armado desses poderes amplos e discrecionarios, o Governo Provisorio vae conduzir, por certo, as eleições á Assembléa Constituinte como melhor lhe convenha aos interesses de detentor, sem contraste, do poder publico, federal e estadual.

Continuaremos, assim a ser regidos por uma politica que só sabe cultivar a força e a violencia. Perdendo o sentido natural da sua missão, o Governo Provisorio, tal qual os governos legaes que o antecederam, não descobre na personalidade do cidadão brasileiro aquelle lampejo divino, que é constituido pelo sopro espirital que Deus lançou, no acto da criação, sobre o homem, que Elle acabava de modelar, servindo-se tão somente do barro da terra.

Tudo, nos altos conselhos dos dirigentes actuaes, só se orienta no sentido do emprego da força bruta, ou no da violencia irritada. A arte de governar, de todas a mais difficil quando se vê no cidadão um homem feito á imagem de Deus, torna-se grosseira e empirica quando as sociedades humanas são equiparadas ás manadas dos animaes irracionaes, que são tangidas para as regiões que tem de attingir pela acção directa dos relhos e dos ferrões.

A nação brasileira abandonou o Deus crucificado, para se submeter infiel e idolatra, ao imperio, caduco e passageiro, das potencias deste mundo, que não conhecem, na sua concupiscencia sensual, senão os prazeres da materia. No seu culto illimitado aos bens terrenos, não ha lugar para o primado do espirito, que a obediencia ao Deus Todo Poderoso encarna magestosamente.



Eis porque, como tantas vezes aconteceu com Israel, o povo brasileiro se viu entregue "ao roubo, á espada e ao opprobio".

Para que elle, portanto, possa readquirir as forças, que lhe são necessarias, para resistir a essa onda de males, que presentemente o acabrunha, é indispensavel que se arrependa "de ter deixado o culto do seu Deus, o Deus do céo".



# SECRETARIADO DE ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA

Acaba de ser fundado nesta capital mais um baluarte da acção social catholica, destinado a prestar auxilio pratico e efficiente em inicio ás organizações religiosas que constituem a Colligação Catholica e, de seguida, a todas as demais associações catholicas que delle se quiserem utilizar. E' o SECRETARIADO DE ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA, cujo programma damos abaixo.)

Trata-se de obra digna dos maiores encômios, pelos fins a que se destina e pela technica das suas installações, que obedecem aos preceitos mais modernos sobre o assumpto.

A publicação que se segue é de todo necessaria, não só para que seja conhecida mais essa realização catholica de grande alcance pratico, como tambem para obterem-se as contribuições necessarias á vida do S. A. S. C. E' de esperar que os nossos leitores auxiliarão no que lhes for possivel essa obra que ha de marcar um grande passo na vida associativa dos catholicos brasileiros:

---

Circular n. 1 — Janeiro de 1933

## LACUNA A PREENCHER

Uma das mais graves preocupações dos responsaveis pelo destino de uma Associação Catholica é a marcha regular dos serviços de secretaria, expediente e thesouraria. Os socios, ainda que possuam espirito de apostolado, não podem dar á Associação a que pertencem senão uma parcella pequena de tempo, tirada das suas horas de lazer. Mas, os serviços de administração e escriptorio, devendo ser executados systematica e ininterruptamente, exigem esforços permanentes que não podem ser fornecidos por



peessoas occupadas noutros misteres. Os directores de taes associações, com sacrificio pessoal muitas vezes, se desdobram em actividade, procurando satisfazer os reclamos mais urgentes do seu gremio, não conseguindo, porém, attender a todo o movimento.

Quando se trata de uma associação rica, apta a enfrentar as difficuldades occorrentes, e que pode pagar a funcionarios de escriptorio, minoram muitissimo essas difficuldades, resolvendo-se, assim, tão nomentoso problema.

Mas, essa solução além de cara, e, por isso mesmo, privilegio de pequeno numero de associações afortunadas, resulta numa dispersão de esforços e de dinheiro que centralizados que fossem num orgão unico, seriam mais bem aproveitados e mais economicamente utilizados.

O QUE É O S. A. S. C. { Para sanar essas deficiencias resolveu o CENTRO D. VITAL crear o Secretariado de Acção Social Catholica que, a principio, irá attender ás associações que constituem a Colligação Catholica Brasileira e, logo após, ás outras que o desejarem.

O seu programma é prestar um serviço mais perfeito possível a cada Associação que o desejar.

Funcionará de accôrdo com os methodos mais modernos de administração e controle, procurando empregar systemas efficientes de organização de trabalho, para o que dispõe de pessoal habilitado e competente.

Visando centralisar num só apparelho, os serviços de ordem material de cada Associação, o SECRETARIADO proporcionará, ás que nelle buscarem esses serviços, maiores oppor-tunidades para se dedicarem ao apostolado especifico que representa a finalidade de cada uma dellas. Numa palavra: cada Associação que se servir do Secretariado poderá, de agora em diante, dividir a sua tarefa em duas partes: 1.<sup>a</sup>) — a referente ao trabalho de apostolado propriamente dito, a que se alludiu acima, executada pelos respectivos socios; e, 2.<sup>a</sup>) — a parte correspondente ao serviço de ordem material indispensavel ao mesmo apostolado de cuja execução o Secretariado se encarregará.)

Em resumo, são os seguintes os serviços que o S. A. S. C. poderá prestar a cada Associação:

1 — Confecção e expedição de cartas, circulares, folhetos e impressos.

2 — Cobrança de mensalidades dos socios e de donativos.

3 — Organização e manutenção em dia de ficharios de endereços, de c/corrente de cada associado, de cartas recebidas e expedidas, etc., podendo ainda ser feita a contabilidade da Associação.

4 — Collecta e estatistica de dados que interessem á Associação.



5 — Propaganda segundo a orientação da Associação e nos meios que ella indicar.)

Mediante uma remuneração a estipular em cada caso, mas que, de um modo geral, será estimada numa porcentagem modica da receita mencionada no item 2.

OBRAS SOCIAES DO CENTRO  
D. VITAL

(Ao S. A. S. C. o Centro D. Vital entregou a direcção das suas Obras Sociaes, que se repartem em varios sectores da

Acção Catholica. Entre outras, podemos citar: a Confederação da Imprensa Catholica, a Associação das Bibliothecas Catholicas e a Syndicalização dos Operarios Catholicos, esta ultima de uma oportunidade manifesta. Só neste particular de defesa do nosso Patrimonio Social ameaçado pelo advento de idéas extremistas, o SECRETARIADO muito poderá fazer si os catholicos vieram secundar a sua acção com um apoio efficiente.

BASE ECONOMICA

O S. A. S. C. como Obra Social do Centro D. Vital, fundada por elle para dirigir as outras

suas innumeradas Obras Sociaes e se encarregar, por outro lado, de centralisar os serviços de escriptorio e administração das associações catholicas, conforme já foi dito acima, precisará de possuir uma base economica que lhe permitta custear tão complexos serviços. Esta será constituída pelas seguintes fontes:

- 1.<sup>a</sup> — porcentagens correspondentes ás taxas de administração pagas pelas associações filiadas ao Secretariado;
- 2.<sup>a</sup> — donativos de pessoas amigas que se interessem pela Acção Catholica;
- 3.<sup>a</sup> — corpo de contribuintes mensaes, que concorrerão para auxiliar a manutenção da obra.

Da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> fontes os recursos serão minguados. Muitas das nossas associações não terão meios para estipendiar como seria mistér os serviços do Secretariado. E os donativos, sendo inconstantes não inspiram a confiança de nelles se poder basear qualquer orçamento. Resta ao Secretariado a perspectiva do auxilio de generosos cooperadores que, compreendendo o grande alcance social da Obra, não se negarão, certamente, a concorrer com suas contribuições para que ella possa triumphar integralmente. Até agora, já se inscreveram na lista dos seus contribuintes mensaes as seguintes pessoas:

Dr. Octavio Tarquinio de Souza, dr. Levi Carneiro, dr. Affonso Penna Junior, dr. Enrique de Rezende, sr. Otto Schilling, sr. J. Menescal, dr. Octavio Ribeiro Macedo Soares, dr. Edmund L. Linch, dr. Olegario Bernardes, dr. Saboia de Medeiros, dr. Hamilton Nogueira, sr. José Hollanda, dr. Cezar Rabello, dr. R. O. Castro Maya, dr. Alceu Amoroso Lima, dr. Julio Cezar Mello e Souza, dr. J. Xavier do Prado, dr.



L. Ribeiro Dias, dr. Agenor Pimentel, dr. Joaquim A. de Britto, da. Maria Antonieta de Mello Milliet, dr. Caetano Munhoz da Rocha, sr. Julio Isnard, sr. Haroldo Miranda, sra. Marietta Marinho de Azevedo, sra. Carmen de Almeida Borges Leitão, dr. A. Mac Dowel e sr. Camillo Ottati Junior.

**APPELLO**

Muitos se queixam da grande dispersão de esforços na acção catholica brasileira. Sente-se que urge uma centralisação de energias, um economisar de forças, para que se não percam tantas iniciativas generosas. O Secretariado agora fundado, vem permittir essa Centralização. Por isso, elle espera que os bons catholicos não deixarão de ampara-lo. Será favor preencher, ou conseguir que alguém o faça, a autorização junta e envia-la ao endereço indicado, pelo que desde já agradece o S. A. S. C.

---



## REGISTRO

### A TACTICA DOS CATHOLICOS ALLEMÃES

Si o estado presente da Alemanha justifica as graves preocupações dos observadores da vida internacional, sem embargo temos de reconhecer que, depois da Grande Guerra, a actual não é a unica nem a mais sombria das crises que ella tem soffrido.

Incontestavelmente a peor de todas foi a que se seguiu á catastrophe do seu infortunio militar, de que resultaram a queda do Imperio e a transformação das suas instituições politicas, quando, como é sabido, teve de lutar durante um grande periodo, com a anarchia politica.

E' uma grande honra para os catholicos germanos poder-se dizer que a elles, muito particularmente, se deve o restabelecimento da ordem em seu paiz. Com effeito, já em sua actuação na Constituinte de Weimar, já no exercicio do poder, sua habilidade, sua disciplina, sua energia, sua operosidade, a superioridade dos principios com que orientam sua acção politica, lhes permittiram neutralizar os esforços dos extremistas na vida publica allemã. E como testemunho de tal conquista podemos citar, em relação aos socialistas, a perda da situação de preponderancia que ha largos annos desfructavam na Allemanha, desde o Imperio.

A esse perigo, porém, succedeu o perigo nacionalista. Sente-se, entretanto, que no que respeita a este, inclinam-se os catholicos a repetir a tactica que tão bom resultado deu com os socialistas: aproximar-se dos seus adversarios e reduzi-los com as vicissitudes do mando commumente partilhadas no exercicio do poder.

### CHRISTO NAS CIDADES

Na cidade de Esen, zona operaria, por excellencia, os catholicos allemães realizaram uma imponente demonstração de fé. De seu variado programma constaram sessão de estudo, exercicios desportivos, solemni- dades religiosas, etc.

Essa grandiosa demonstração a que compareceram mais de 200.000 participantes adoptou como lemma "Christo nas cidades", que serviu de these aos seus numerosos oradores.



Ninguém dirá que o thema não seja suggestivo e, mais ainda, que não seja de uma flagrante oportunidade.

Com effeito, si o que caracteriza a civilização moderna é o seu sentido pagão, sem duvida as cidades, principalmente as grandes cidades — centros de attracção, de luxo e de vicio — têm a maior culpa do retrocesso do homem á barbaria das sociedades primitivas.

E' horrivel pensar nos actos de apostasia, na impiedade e nos crimes que encham cada hora os grandes centros urbanos. Dá vertigem! Quando menos passamos a considerar suaves, como punição de tantos peccados, todas as desditas, todo o infortunio, todo o soffrimento que torturam a humanidade em nossos dias.

Assim sendo impõe-se como uma obra necessaria, urgente, a catechese do homem civilizado do nosso tempo. As grandes cidades devem ser consideradas como essas longinquas paragens de povos exóticos em que os missionarios pagam com a vida a temeridade de annunciar o Redemptor. Ha que lutar, nellas, com o mesmo ardor, a mesma audacia deante dos perigos, a mesma resolução firme, inabalavel de submeter-las ao imperio do Salvador. Ha que fazer com que voltem a conhecer e a amar Christo, Nosso Senhor.

#### DEMOCRACIA NOVA

O sr. Alcalá Zamora, Chefe de Estado da Hespanha, tem uma expressão que define o criterio

da novissima Democracia: *tenemos que haecr la Republica que llevamos en el corazón*. Sim, está-se fazendo ali a republica á feição das preferencias do coração dos seus insuperaveis estadistas.

O coração do Sr. Alcalá, por exemplo, é amigo da folia. S. Ex., como Chefe de Estado não faz outra cousa sinão passear, acompanhado de luzida comitiva, para receber homenagens, comer opiparos banquetes, gozar a vida como nenhum soberano hoje em dia consegue fazer em seus dominios.

Já o coração do Sr. Azana, que depois da humilde postura em que esteve tanto tempo deante da Dictadura, mudou de amores (isto acontece!) abomina os monarchistas. Dahi o desterro a que os condemna em Villa Cisneros, por crime intencional de subversão contra o regimen...

O peor é que o coração dessa gente não tem mais nada de hespanhol. Aquella sã alegria, aquella espontanea generosidade, aquella antiga nobreza, apanagios da alma castelhana, a Maçonaria destruiu no peito dos proceres da 2.ª Republica, infiltrando ahi o odio sectario ou a ineptia liberalesca.

Hespanha, hoje, é um mundo triste. A inquietação invadiu todos os lares. Ninguém sabe, alli, o que será o dia de amanhã.

Será que essa afflicção provenha do sentimento monarchico do povo?



Ainda que esse sentimento exista em muitos corações, todavia não é elle que causa o desasoccego. O povo, a massa, em geral, não entende de regimen politico. Pouco se lhe dá pagar tributos á Republica, á Monarchia ou aos Sovietes. O que elle deseja é paz. Assim é em toda parte. Assim é, tambem, em Hespanha.

O povo, é sabido, implantou a Republica por um acto inconsciente. O que elle desejava era vingar-se da Dictadura. E deu por terra com o Throno. Uma vez, porém, que estava caida a Monarchia, voltou-se para as novas instituições na esperança de conseguir a paz que a Dictadura, por fim, compromettera, não sabendo defendé-la.

A esse anseio, porém, a Republica tem correspondido com insolitas provocações, ampliando o quadro das passadas contendidas. Mais vexame e mais guerra...

Teimando em confiar no regimen, organizam-se as "direitas" para apoiar os republicanos que fazem promessas de reconciliar a Republica com um programma de ordem. Voltam-se para Lerroux, voltam-se para Miguel Maura. E o verboso chefe radical se contradiz por actos e palavras, nas promessas feitas ao espirito conservador do paiz. E o Sr. Miguel Maura se desorienta em discurso recente, contradizendo-se tambem, em que affirma que a *Republica tem sido tolerante* e preconiza a necessidade de que as "direitas" se mostrem "conservadoras na forma e revolucionarias no fundo". O que pede o Sr. Maura, si não é um embuste, é uma proeza ao nivel da concepção do moderno republicanismo hespanhol. Alguma cousa como transportar, em cestos, o Mediterraneo para o Pacifico... Pois como pode uma creatura harmonizar em si principios tão contradictorios!

Que se pode esperar, legitimamente de decepções como estas a que se sujeita o povo hespanhol? A convicção de que, dentro do regimen, não ha lugar para as suas esperanças.

Por outro lado, que effeito podem produzir no seu espirito os ultimos atropelos do Governo, sob o pretexto da fraccassada intentona de 10 de Agosto?

Não é difficil opinar, sabido apenas este facto significativo: os jornaes attingidos pelo "ukase" ministerial que os privou, por tantos dias, da circulação, reapparecem mais firmes na sua posição contraria ao governo ou ao regimen.

ENTRADA TRIUMPHAL DE  
UM BISPO EM SUA ANTIGA  
PAROCHIA

No Oriente não ha somente nuvens carregadas. Não é interessante meditar sobre as victorias que a Igreja está obtendo entre os povos exóticos? Tem-se ás

vezes a impressão, diante do espectáculo dos constantes atropelos que a Religião está soffrendo no Occidente, que é o Oriente que a Providencia está preparando para dar á Esposa de Christo compensação e consolações. Vejamos como foi



recebido na sua antiga freguesia um Ministro de Deus, que a Santa Sé acaba de elevar á dignidade do Episcopado. Trata-se de Mons. Fournier, recentemente eleito Bispo de Coimbatore, na India. Antigo cura de Coonoov, depois de consagrado, empreendeu uma visita aos seus velhos parochianos e foi recebido alli com o seguinte esplendor; duas milhas antes de chegar á cidade, uma commissão de festejos obrigou-o a accommodar-se em um luxuoso auto, que lhe trouxera. Ao entrar na cidade accenderam-se profusas luminarias em sua honra, queimando-se caprichosos fogos de artificio.

O curioso é que associaram-se ás homenagens os pagãos e os mahometanos. Ao transpor as fronteiras da sua antiga parochia o chefe dos mahometanos acerca-se-lhe, pulveriza o prelado com agua de rosas e põe-lhe sobre a cabeça uma grinalda de ouro. Pouco adiante pára o cortejo afim de que o chefe dos pagãos, depois de uma grande cortezia, ponha sobre a cabeça do Bispo nova grinalda de ouro.

E assim, a chegada de um Bispo catholico, á longiqua cidade indiana, associou no mesmo regosijo gregos e troyanos.

#### CATALUNHA

Catalunha ainda está em "lua de mel" com o Estatuto que a Maçonaria lhe promettera e as

submissas Cortes Hespanholas votaram com incrível precipitação. Algumas nuvens, no entanto, começam a empanar a ventura desse idyllio, pois, como é sabido, já se verificam dissensões no seio da Generalidad.

Quando o Sr. Azana, prazenteiro, se felicitava nas Cortes pela approvação do referido Estatuto, objectou-lhe um deputado que os verdadeiros dissabores pela obra concluida teriam de surgir quando se tratasse da sua applicação.

Os embaraços se originam na natureza do Estatuto e das ambições das varias facções politicas que disputam o poder em Catalunha.

Da natureza do Estatuto porque, com os cortes e recortes que teve de soffrer no itinerario pelas Cortes, voltou quasi irreconhecivel para os seus autores. Não é o Estatuto com que a Catalunha separatista tanto sonhava. Não está conforme com a aspiração de ninguem, na Catalunha.

A Generalidad e seus deputados explicam que elle representa o maximo que de Hespanha, no momento, se podia obter. E por meias palavras, ou por circumloquios, dão a entender que o que falta na letra do pacto elles completarão inescrupulosamente com o arbitrio.

A falar verdade, só os separatistas desejavam o Estatuto. E uma cousa é incontestavel: ao povo, em geral, pouco ou nada interessava a autonomia; mas as classes productoras que vivem do mercado hespanhol, essas repudiavam a idéa do Estatuto, contando com o que está acontecendo presente-



mente: a boycotagem de toda a Hespanha contra a producção catalã.

E' sabido que, sobretudo as industrias, tem soffrido prejuizos colossaes com a paralyção do commercio dos seus artigos no mercado hespanhol, em virtude da systematica abstenção que, espontaneamente o povo está fazendo na aquisição dos mesmos.

Para não perder a clientela alguns industriaes barceloneses estão montando em outras provincias hespanholas, filiaes dos seus estabelecimentos fabris. E, certamente, todos os que estiverem em condições financeiras de o fazer, seguirão o exemplo desses industriaes. E deste modo a Catalunha terá em breve compromettida, talvez irremediavelmente, sua vida economica e financeira.

Por outro lado, a competição entre os varios grupos politicos, em torno do poder, toma um caracter de indisfarçavel gravidade, sobretudo porque, de parte a parte, todos mostram um espirito de exclusivismo irreductivel, não admittindo a formação de um Governo de collaboração.

\* \* \*

O Governo conseguiu despachar, por fim, para Villa Cisneros todos os que considerava inimigos da Republica. Em um calhambeque em pessimas condições de navegação, empilhou quasi duas centenas de pessoas, na maioria, de alta significação social, e mandou atirar naquella inhospita costa africana.

Em Hespanha registra-se agora um facto digno de ser considerado. Ha alli, duas entidades distinctas: a Nação e a Republica. E parece que o Governo faz questão de accentuar não somente a distincção, porém, ainda, a incompatibilidade existente entre as mesmas.

Pouco tempo antes da intentona de Agosto, verificou-se um incidente entre altas patentes militares em Carabanchel. Os jornaes officiosos denunciaram que houvera, alli, gritos sediciosos. Pelo relato dos acontecimentos soube-se que se deram vivas á Hespanha e, nenhum, á Republica...

Quando embarcaram os deportados, igualmente informaram esses periodicos que os mesmos reaffirmaram o seu espirito de insubmissão erguendo vivas sediciosos. E os vivas que ergueram, soube-se depois, foram á Hespanha...

Uma alta personalidade catalã declarou recentemente em conferencia publica, que os catalões não são hespanhoes. Nata têm a ver, portanto, com a Hespanha. Em compensação, são republicanos, por isso estão promptos para acorrer em defesa da Republica...



Isto define o momento actual na infeliz península ibérica. Ser amigo ou inimigo da Hespanha é cousa indifferente para os seus governantes. O que é essencial é ser amixo da Republica.

Não importa, pois, que entre os deportados, numerosos tenham serviços memoraveis prestados ao seu paiz, e, pela sua actuação presente, contribuissem para o renome da cultura e o prestigio da sociedade hespanhola no estrangeiro. Tudo isso nada vale deante do crime de não ser amigo de Cezar, isto é, commensal dos homens do poder, que a si proprios se consideram como encarnação da Republica...

Um grande jornal madrileno publicou uma reportagem verdadeiramente sensacional sobre a alta administração norte-americana, muito principalmente do municipio de Nova York, em que, segundo informa, abundam negocios clandestinos de vulto assombroso.

#### DECEPÇÃO DEMOCRATICA

Abstemo-nos de opinar sobre a authenticidade dos factos que a mesma divulga. Mesmo porque não nos interessa, propriamente, apurar até que ponto a exactidão e a fantasia se combinam na sensacional reportagem. O que no momento mais nos importa é commentar uma observação feita, á proposito desse escripto, por um outro jornal hespanhol, isto é, a de que a maior parte dos traficantes da politica *yankee* provém *de la classe democrática de origen bien humilde*.

Percebe-se que o jornalista, que a fez, mostra-se decepcionado. Sem duvida porque padecia da triste illusão, tão tristemente generalizada, de que o mundo vae mal porque as classes humildes não têm uma participação mais larga na direcção dos negocios publicos — ingenuas presumpção de que pelo simples facto de ser humildes tenham estas classes o privilegio da virtude... Presumpção tanto mais desconsertante quanto a humildade, neste caso, não tem sentido christão e sim, meramente lexicologico...

Dessa reportagem que não pode ser de todo imaginaria, ha que tirar duas conclusões: é que não ha classe social, moralmente, melhor ou peor do que as outras, seja collectivamente, seja em seus membros considerados individualmente; e ainda que os desmandos do poder, a impossibilidade na apropriação indebita das rendas publicas, a advocacia administrativa, a venalidade porventura existentes nas camadas dirigentes não se originam de que os homens pertençam a esta ou aquella ideologia politica ou procedam dos sectores democraticos ou aristocraticos da sociedade, porém do impenitente laicismo das instituições officiaes e do agnosticismo e da ostensiva impiedade dos governantes e governados.



## O GOVERNO MEXICANO E A SANTA SÉ

Calles quando occupou a presidencia da infeliz Republica americana. Tambem está na memoria de todos que o successor deste obcecado semita, sentindo-se impotente para dominar a rebeldia dos catholicos, procurou um entendimento com o Santo Padre afim de obter a pacificação do paiz. Pio XI, o glorioso Pontifice reinante, pondo de lado os serios aggravos, recebidos pela Igreja, do governo que a esse antecederá, promptificou-se a interceder junto aos catholicos em arma para que cessassem sua reacção ao poder publico. E, então, um *modus-vivendi* foi estabelecido entre as autoridades mexicanas e as ecclesiasticas: em troca da rendição dos rebeldes o Governo faria cessar a applicação das leis oppressivas á consciencia catholica naquelle paiz.

Os catholicos honraram a palavra empenhada: depuseram as armas e voltaram ás suas actividades pacificas. O Governo mexicano, a principio, cumpriu tambem os deveres que o compelliram no referido accôrdo. Mas, com o passar dos tempos, quando lhe pareceu que os catholicos estavam já sem meios de oppor-lhe uma resistencia material efficaz, passou a fugir aos compromissos assumidos e reiniciou a perseguição ao culto catholico.

Frequentemente a imprensa mundial inseria noticias de violencias commettidas pelo referido Governo contra ordens religiosas, autoridades ecclesiasticas, celebração do culto, etc., sem que o mesmo Governo ou seus representantes no estrangeiro as desmentissem. Somente agora que o Santo Padre apresenta os factos em conjuncto, na Encyclica que dedicou aos nossos irmãos do Mexico, o Governo mexicano e seus diplomatas se apercebem de que ha uma opinião internacional e de que é necessario conquistá-la. Dahi o empenho com que, ao tempo em que aggrava os factos denunciados commettendo novos atropellos e novas arbitrariedades contra os catholicos, procuram, Governo e representantes, oppor na imprensa estrangeira vehementes contestações ao documento pontificio.

Esse esforço, porém, não conseguirá desfazer em nós outros o juizo já formulado sobre o espirito torpemente sectario, a incultura politica e a mentalidade de "vaqueanos", como dizia o nosso Jackson, dos homens a quem estão confiados os destinos de um povo heroico, o infortunado povo mexicano.

Na ultima assembléa annual do Partido Laborista inglez, realizada o mez passado, o Sr. Henderson, Ministro de Estado resignatario, accusou o actual

TRABALHISMO CONSERVADOR



governo inglez, presidido, como é sabido, por um "trabalhista", de fazer uma politica "descaradamente conservadora".

Os Governos, em via de regra, são accusados de culpas que não lhes cabem. Desta vez, no emtanto, faz-se uma accusação fundada. Com effeito, não ha governo mais conservador, no mundo, do que o dos Imperios Britannicos, sem embargo de que o presida, como é sabido, um "trabalhista".

Acontece, no emtanto, que esse mesmo "trabalhista" já tentara uma experiencia de Governo socialista em seu paiz. E os resultados colhidos foram os mais decepcionantes. Por outro lado não pôde se manter impermeavel ao exemplo dos outros povos que fizeram igual tentativa com o mesmo insuccesso. E entre estes nenhum mais impressionante de que o de um povo dos seus dominios, que chegou a ser apontado como modelo de organização socialista e que hoje em dia, para fugir ao anniquilamento, enfileira-se entre os de organização mais eminentemente conservadora.

Seria necessario argumentar ainda com o caso da Allemanha e de outros mais, para desfazer as illusões socialistas?

Sem duvida a Hespanha, a esta altura do seculo, faz um ensaio do governo socialista. Mas o novissima Republica iberica anda sempre atrasada, pelo menos vinte annos, em relação ás occorencias e ás idéas do Continente a que pertence.

Não; o que a experiencia demonstrou é que o socialismo pode ser uma cousa engenhosa, pode ter grandes virtudes, pode ser muito commovente em seu transcendentalismo igualitario, pode ter todas as perfeições possiveis e imaginarias, mas não serve como systema de Governo. Está, antes, indicado para presidir os destinos daquelles povos que tenham, acaso, a vocação do suicidio...

Ora, o povo inglez, mais do que nenhum outro, tem o instincto da conservação. Seu Governo, pois, não poderia deixar de ajustar-se ás mais severas normas conservadoras.

Tem razão, assim, o Sr, Henderson na imputação feita aos dirigentes do grande Imperio. Uma virtude, no emtanto, não lhes poderá negar: a de que, pelo facto mesmo de ser conservador, o Gabinete britannico identifica-se com os sentimentos e a tradição do povo inglez.

OS ESTADISTAS DA NOVA REPUBLICA IBERICA

Quem se dê ao trabalho de ler os jornaes hespanhoes da esquer-republicana observará um facto curioso: a sua prodigalidade

admirativa para com os pro-homens do novo regimen, bem entendido, os que estão no poder. De modo que o Sr. Azana não pode pronunciar uma palavra sem que faça uma revelação genial. O Sr. Alcalá Zámora, o venturoso presidente da nova democracia, de cuja oratoria disse certa vez um humorista que era "de ondulação permanente", hoje só produz "pe-



ças notáveis" até em ligeiros brindes na provincia. E assim todos os Ministros.

Com a sua representação na Liga das Nações, chefiada pelo proprio Ministro de Estado da pasta do Exterior, não se mostram menos generosos os trombeteiros da imprensa official e officiosa. Tanto que se tem a impressão de que, o afanoso instituto de Genebra não "desembatucá" no caso da Mandchuria, nem resolve o pleito da igualdade de direitos da Allemanha, e até mesmo descuida do antigo problema da quadratura do solo, é porque, enlevada, babando de gozo deante da oratoria do Sr. Zalueta, do Sr. Maariaga e até da Senhora Plencia (typographos, cuidado com o nome desta veneravel delegada!), não lhe sobra tempo para afazeres menos deleitosos...

Que grandes estadistas a nova Republica iberica amamenta em seus uberrimos seios maternos!...

#### A IMPRENSA E A PAZ INTERNACIONAL

trabalhar sinceramente pela paz, começarão seu meritorio labor exercendo uma rigorosa vigilancia sobre a imprensa, sobre tudo o que ella pretenda publicar em materia de politica internacional, pela seguinte razão: porque os insufladores da guerra, como é sabido, desenvolvem sua sinistra actividade principalmente por meio do jornal. Ahi propagam noticias falsas e tendenciosas. Ahi, em artigos escriptos com pasmosa habilidade, engendram as intrigas que deverão levar os povos á luta. A imprensa cria o pretexto, explora-o e conduz á guerra.

No momento o assumpto é objecto de estudo na Sociedade das Nações. E' de prever, no entanto, que, a exemplo dos outros de igual transcendencia, não obtenha alli a desejada solução, mesmo porque o instituto genebrino não tem efficiencia a não ser em questões puramente technicas.

Ademais o assumpto é de uma extraordinaria complexidade e tem aspectos, como este, quasi invenciveis: os grandes jornaes, em geral, são propriedade dos syndicatos financeiros judeus, exactamente os mesmos a que se acham escravizados os Governos modernos por dividas da administração resultantes da sua incompetencia ou da sua deshonestidade.

Em conclusão: enquanto a imprensa for senhora de dizer e publicar o que entender sobre politica internacional, manter-se-á ao serviço dos profissionaes da guerra que recompensam largamente os seus serviços. Só o Governo poderia contê-la em sua acção malefica. Mas os Governos de nossos tempo, em via de regra, carecem, por sua vez, de liberdade e de força para tão arrojada empresa.



O SACRIFICIO DA GRANDEZA  
DE HESPANHA

Disse Sorel que "a bem dizer, não é a Revolução que destróe o Governo; é, antes por estar destruido o Governo, que a Revolução triumphá". No caso da queda do throno hespanhol comprova-se o acerto desta affirmação.

Com effeito, a Monarchia hespanhola já de muito tempo vivia quasi exclusivamente do prestigio pessoal do soberano. As forças moraes e economicas que a deviam sustentar, limitavam-se a prestar-lhe um concurso de pura exterioridade, guardando-se, quanto ao mais, para seus negocios, suas paixões e seus egoismos.

A nobreza, tanto quanto as outras classes, deu provas da sua infidelidade ás tradições hespanholas, e da incomprehensão dos seus deveres para com o Throno. Tambem ella fazia questão de passar por liberal.

Sem duvida, não se mostravam, os fidalgos, hostis ao regimen. Via-se, no entanto, que tinham pouco amor á Coroa, e, acima de tudo, que não entendiam mais o seu espirito.

Ella, portanto, foi um dos maiores culpados do derrocamento da Monarchia, que teria sido vergonhoso si o senso de dignidade de El-Rey e de sua augusta familia, não houvera enchido de emoção e de grandeza os dramaticos instantes da sua saida de Hespanha.

Todavia, pelo seu presente infortunio e ainda mais pelo decoro com que supporta a aspera adversidade do momento, como se verificou na sua edificante attitude durante a viagem para o desterro de Villa Cisneros, a Grandeza de Hespanha obriga os espiritos serenos a inclinar-se diante da majestade da sua dor e a tributar homenagem á sua desperta paixão pela Igreja e pela Patria.

UMA ADVERTENCIA DE S.  
S. PIO XI

A recente Encyclica de S. S. Pio XI sobre a perseguição da Igreja no Mexico, insiste em uma recommendação ao clero mexicano que, sem embargo, merece ser detidamente meditada por todos os catholicos do mundo. Esta recommendação consiste no encarecimento da organização social dos filhos da Igreja, consoante á forma e á disciplina estabelecidas pela Santa Sé.

Essa organização, como é sabido, visa a dous fins essenciaes: proporcionar á Igreja as facilidades necessarias para o exercicio da sua missão na sociedade; pôr ao seu alcance os meios mais efficazes de defeza contra os seus inimigos.

Ora, onde a Igreja não conta com uma organização social, dotada de imprescindivel efficiencia, está exposta ás mais amargas surpresas e as mais duras vicissitudes. E onde não conta com essa organização, hoje em dia, só aos catholicos cabe a culpa.



Assim sendo, de um ponto de vista rigorosamente exacto pode-se dizer que dos atropellos e hostilidades que a Igreja soffre hoje no mundo, principalmente nos paizes de maioria catholica, são responsaveis perante Deus os mesmos catholicos. Sua imprevisão, seu egoismo, seu debil espirito associativo, sua incapacidade para ajudar financeiramente os institutos dedicados á defesa da Religião, fazem com que a acção dos nossos inimigos consiga o desejado exito.

De onde nos vêm, por exemplo, os maiores contratemplos? Do campo da politica. E não obstante é incontestavel que muitos dos politicos, que actualmente desenvolvem uma actividade caracteristicamente anticatholica, fariam precisamente o contrario se acaso dependesse dos mesmos nos cargos que desfructam e o successo na conquista dos outros que ambicionam.

Disso resulta que se nós nos unissemos, si formassemos um corpo social disciplinado e coheso seriamos, onde qjer que fosse, absolutamente invenciveis.

Eis o que o Santo Padre gloriosamente reinante, que tem um senso tão exacto das nossas necessidades e, tambem, das nossas possibilidades, reaffirma mais uma vez em sua sensacional e opportunissima encyclica ao VEnerando Episcopado Mexicano.



# SECÇÃO UNIVERSITARIA

## A. U. C. DE MINAS GERAES

### NOVA DIRECTORIA

Em Outubro do anno findo foi eleita e empossada uma nova directoria, que ficou assim constituida: Vice-presidente — Jadyr Campos; Secretario geral — João de Freitas, Thesoureira — Edith Starling Soares; Bibliothecario — Rossini de Carvalho Teixeira. Para representantes das Escolas Superiores foram escolhidos: Medicina — Mozart Geraldo Teixeira; Direito — João Henriques; Engenharia — Alcindo Cruz Marini. O sr. arcebispo escolheu novamente o dr. Josias Vaz de Oliveira para a presidencia da A. U. C., cargo que já exercera no periodo anterior. Como assistente ecclesiastico continua o revmo. padre Alvaro Negronte.

### COMMISSÕES

O sr. presidente nomeou as seguintes commissões auxiliares: *Acção* — Lincoln Martins Vianna, presidente; *Estudos* — José Lourenço de Oliveira, presidente; *Redacção* — João Henriques, presidente; *Piedade* — Ernesto Willy Froitzheim, presidente e membros — Lincoln Martins Vianna, Alcindo Cruz Marini, Rita Marques Scotti.

### ACTIVIDADES

Logo de começo organisou-se um programma de estudos a serem desenvolvidos em sessão pelos socios e) que deviam, embora de livre escolha, se enquadrar no seguinte esboço de assumptos momentosos:

#### I SERIE — Themas religiosos

- 1.º) — Ensino religioso nas escolas;
- 2.º) — Casamento religioso com effeitos civis — tomado pelo socio Gerson de Abreu e Silva;
- 3.º) — Assistencia espiritual ás classes armadas;
- 4.º) — Direitos de Deus na Constituinte;
- 5.º) — Separação da Igreja do Estado;
- 6.º) — O positivismo e a maçonaria no Brasil.



## II SERIE — Assumptos scientifico-religiosos

- 1.º) — Malthusianismo e Néo-malthusianismo — tomada pelo dr. Josias Vaz de Oliveira, presidente;
- 2.º) — Divorcio;
- 3.º) — Euthanasia;
- 4.º) — Eugenia;
- 5.º) — Exame pre-nupcial;
- 6.º) — Aborto.

## III SERIE — Doutrinas sociaes

- 1.º) — Liberalismo;
- 2.º) — Socialismo;
- 3.º) — Communismo — tomada pelo socio Jadyr Campos, vice-presidente;
- 4.º) — Integralismo;
- 5.º) — Cooperativismo;
- 6.º) — Representação de classes.)

Dessas conferencias, já se realizou uma, sobre o Malthusianismo e Néo-Malthusianismo, pelo presidente da A. U. C. (Tambem o sr. presidente da Commissão de Estudos leu um trabalho sobre "Lenine, Ford e Pio XI" na parte referente ao primeiro, e que foi desenvolvida em duas sessões.

O presidente da Commissão de Acção fez observações sobre a classe do trabalho. Tambem se tem tratado varias vezes sobre o Dever eleitoral dos catholicos)

A A. U. C. de M. G. applaudiu o programma politico do Centro Feminino Mineiro, que defende um programma de reivindicacões dentro dos principios da catholicidade.

Uma importante resolução tomada foi a de continuar os trabalhos mesmo no periodo de ferias universitarias, pois, o momento actual de lutas exige todos a postos. No proposito de uma acção intensa, a agremiação tem se reunido semanalmente, com bastante regularidade.

A. U. C. PELA ANTENNA Tambem foi conseguida uma permissão para realizarmos pelo microphone da Sociedade Radio Mineira uma serie de palestras aucistas. O aparelho é gentilmente cedido todas as quartas-feiras ás 19 e 45 minutos. Esta serie obedece ao seguinte programma, iniciado em 30/XII:

- 1.º) — Direitos de Deus na Constituinte, pelo Dr. Josias Vaz de Oliveira, presidente;
- 2.º) — Assistencia religiosa aos militares — Padre Alvaro Negromonte, assistente ecclesiastico;



- 3.º) — Ensino religioso nas escolas — bacharelado José Lourenço de Oliveira, presidente da Comissão de Estudos;  
 4.º) — Casamento religioso com efeitos civis — Edith Starling Soares;  
 5.º) — Dever Eleitoral dos Catholicos — Lincoln Martins Vianna, presidente da Comissão de Acção;  
 6.º) — Feminismo Catholico — Rita Marques Scotti).

## CURSOS

Brevemente pretende-se iniciar um de Historia Scientifico-Religiosa pelo Dr. Lucio dos Santos, Reitor da Universidade de Minas Geraes e presidente de honra da A. U. C. de M. G., e, outro de Apologetica pelo Padre Dr. Armando Guerrazzi, os quaes ha tempos se promptificaram a da-las.

## SÉDE

Graças á generosidade do Sr. Reitor da Universidade mineira, continua a A. U. C. a funcionar na reitoria da mesma.

Assim, com a graça de Deus, a "Acção" de Minas vae agindo na medida de suas forças.

L. M. V.



## BIBLIOGRAPHIA

*"Casos Reais a registrar"* — A. FELICIO  
DOS SANTOS — Livraria Catholica-Rio

São contos em que se encontram lições de profunda significação. São fatos sobre que se debruça, com sinceridade e modestia, a alma do medico ungido dessa inefavel meiguice e consciencia de responsabilidade que sempre se encontram nos que se entregam de coração aos trabalhos de um apóstolado.

O autor enxerga as cousas por um prisma em que a monotonia dos fatos, os mais simples, se decompõe nos multiplos e ricos ensinamentos que nos trazem os acontecimentos quando observados de um plano em que a perspectiva das cousas deixa admirar a disposição e a ordem que fogem á vista apressada dos homens em "carreira". Vivemos como que estonteados pela precipitação dos fatos.

A proximidade dos mesmos e sua repetição ou raridade rouba-nos a possibilidade de observa-los com a segurança e engenho precisos na interpretação e apreciação dos valores dispersos por esses pequenos sucessos diariamente vividos e quasi sempre esquecidos.

E' que o habito de ve-los e ouvi-los, ou a raridade de conhece-los, excita-nos e provoca exageros de imaginação sensitiva levando-nos a impressões e ficções efemerias. O homem ocupa, ante o "habitual" e o "extraordinario", esta dupla attitude de "indiferente" e "extasiado". Em ambas estas posições, ha a impossibilidade da apreensão do real, porque o significado deste se anula na rotina do habito ou deforma-se nos exageros que desperta o extraordinario.

E' por isso que só o "apostolo" pode compreende-los e o artista interpreta-los. Um e outro vivem como o comum dos homens. Não sentem, entretanto, com os mesmos.

São de algum modo diferentes. E é dessa superioridade de attitude que resulta esse duplo caracter de misterio e milagre com que o artista se manifesta em arte e o apóstolo pontifica na vida. Essa riqueza "nova" que se nos apresenta, retirada desse mesmo caminho por que tantas vezes passamos em vão, porque indiferentes ou exaltados não nos baixa-



mos a apanha-la, é o que nos surpreende numa estatua e edifica e prende-nos no sacrificio.

\* \* \*

Felicio dos Santos, em seus contos, traz-nos precisamente esse "novo" sentido da vida que encontra e descobre nas cousas, compreende-o e nos vem explicar.

Realisa a vida em sua plenitude. Domina os acontecimentos. Em seus contos, vemo-lo sempre ser o personagem sobre quem se precepitam com mais rigor os successos da vida.

Apezar disso, não o desorienta a multiplicidade dos fatos, não o arreбата a intensidade e ritmo da vida. Em meio a tudo, mantem-se sereno e caritativamente ativo nessa convicção e lealdade fraternais que lhe brotam espontaneas do mais intimo de sua alma cristalina.

E dentro desses contos em que procura, com simplicidade e dedicação, os valores positivos da existencia, é singular ver que, de quantos fatos e exemplos mostra e expõe, o mais impressionante, o mais humano, é, sem que o queira, o dele mesmo.

O autor se retrata e aparece espontaneamente nessas paginas admiraveis em que numerosas vezes o valor do medico apaga-se ante a iluminação do crente.

E' que os contos são de "fatos reais", mas a anima-los, vivê-los e explicar-nos está, em zelos, o espirito do medico desdobrando-se no duplo apostolado do corpo e da alma.

O medico, o apostolo, vivem e integram-se nos muitos "fatos reais" desse livro ou desses contos.

J. J. S.

J. PINTO ANTUNES — "*Raciocracia*"  
fórma scientifica do governo. — S. Paulo.

O presente trabalho é o estudo e o delineamento de uma forma de governo mais acorde com as necessidades e aspirações sociais do momento. O autor tem uma concepção de Estado que poderíamos chamar uma evolução da "democracia liberal" e individualista para um novo governo igualmente democratico, mas tecnico. Significa uma ampliação do poder na esfera das atividades sociais segundo normas scientificas que indiquem o caminho á realização do maior bem possivel para a collectividade.

Sigamos o plano de exposição logica obedecido pelo autor e assim conseguiremos um juizo de critica mais preciso sobre a sintese realizada após os estudos das condições atuais da democracia.



I — “Democracia jurídica ou Raciocracia, forma científica de governo”. Nesta parte fundamental, em que se delineiam os princípios informativos da síntese, vemos que o autor ante a sociedade admite fatos que se realizam segundo leis naturais e outros que podem ou se devem enquadrar dentro da legislação positiva do Estado.

“A adaptação do natural ao justo, é um dos princípios mais interessantes pelas suas consequências sociais e económicas; dele pode depender o critério da legitimidade social do Estado e, talvez, toda a questão da economia dirigida”. Nestas linhas se fixa a atitude inicial do autor. Distingue um plano do natural que diz ser preciso adaptar ao justo, e isto determina a orientação da sua concepção de Estado.

O “natural”, para o autor, é o que decorre das relações sociais dentro do regimen económico actual. E’, sem duvida, um pouco equivocada a denominação, porque os fatos decorrentes das relações sociais realizam-se segundo princípios oriundos do ritmo mesmo dessas relações e tem um carácter mais social que mesmo “natural”. São princípios que decorrem do regimen social da actualidade e a precariedade de sua existência, a possibilidade de sua modificação, estão na propria essência desses fatos que se transformam, obedecendo a novos ritmos, com novos resultados, concomitantemente com a transformação que se operar nessas relações sociais. São, portanto, “leis” de uma organização social determinada, que não podem receber o qualificativo de naturais, a menos que aceitemos o estado actual do regimen económico como natural. Isso é impossível. Leis, decorrentes das relações sociais, são, por origem, sociais. Podem escapar á regulamentação positiva do direito, mas nem por isso perdem aquele carácter que lhes está na essência mesma de sua realização e existência.

“O Estado de direito põe o justo sobre o natural e assegura a estabilidade social pela harmonia das classes, limitando a ambição capitalista e portanto limitando a reacção operaria”. A realização do Estado, mais imediata, passa a ser o “justo” no sentido social.

“Eis a racionalização do governo: estuda-se o objetivo a alcançar e se procura o meio habil á sua obtenção”.

Este tem sido sempre o carácter mais ou menos normal dos governos: a consecução de um fim. A concepção de Estado, segundo a “raciocracia”, é um governo de bases democráticas onde as liberdades subordinam-se ao bem colectivo. Si nas democracias o fundamento do Estado é a liberdade, na raciocracia do sr. Antunes, é o bem, que se realiza dentro de um regimen de limitações do individuo no plano económico como no plano político, por um sistema de administração do povo”, portanto democratico, mas dentro das normas preestabelecidas de uma constituição garantida por um poder judiciario com jurisdição politica.



A "raciocracia" é, portanto, uma democracia onde o postulado fundamental é o "bem", em substituição ao dogmatismo das liberdades do regimen liberal.

II — "Crises da democracia". É o estudo dos diversos desequilíbrios sociaes conforme a attitude primeira do autor. Atribue os sucessivos revezes das democracias, tanto em economia como em politica, aos estadistas e não ao regimen. "O mal não é da democracia mas dos seus tecnicos". Assim é que, em politica, não atingiu seus fins pelo motivo essencial do direito de voto universal. Foi, segundo o autor, um dos erros dos dirigentes. Em economia, julga que as dissensões entre o trabalho e o capital não foram levadas em consideração pela democracia liberal e que em paizes de classes estratificadas, como os europeus, são possiveis apenas as soluções extremas do comunismo e do fascismo. Para os paizes em que a economia se desloca e as classes se revolucionam, é possivel uma solução intermediaria que é precisamente a "raciocracia".

Atribue a crise moral do regimen á falta de uma crença comum, de atos coletivos de fé. "O desconhecimento desta verdade é uma das causas mais profundas da crise das democracias".

III "CONCLUSÃO" — "Ahi está, em cada paragrafo, a mesma conclusão: o regimen democratico não está em crise; os erros tecnicos são as causas da crise da democracia". É este o resultado do estudo quanto á democracia, ao regimen em si.

"Não ha direito contra o Estado, porque o Estado é de direito e não ha direito contra direito". Aqui, portanto, são repudiadas as prerogativas individuaes de liberdade, para haver logar á supremacia absoluta do Estado como entidade maxima e una.

\* \* \*

A "raciocracia scientifica" não é nem uma forma nova, nem um regimen modificado: é uma concepção influenciada. A democracia é aceita nas suas linhas gerais e apenas limitada no capitulo das liberdades politicas e da economia dirigida. Resulta de uma attitude naturalista em face da administração que é a democratica influenciada, em economia, pelo socialismo russo, e em governo, pelo fascismo italiano.

Atribuindo á economia um carater mais social e dando ao Estado participação na regulamentação das atividades economicas, o autor chegou á "raciocracia scientifica" que é uma democracia onde a demagogia do parlamentarismo é substituida pelo rigor da tecnica. Uma democracia tecnicalizada, é, si admitirmos a expressão, a forma de administração da "raciocracia scientifica" do sr. Antunes.



Si bem que nos pareça insuficiente a explicação das atuais crises de governo, não deixamos de formular encomios aos resultados obtidos pelo autor.

A conciliação da democracia, em seus principios fundamentais, com as novas tendencias sociais, se nos afigura, entretanto, impossivel. Será sempre fragilima. Pois democracia, socialismo e fascismo resultam de concepções fundamentais, entre as quais medeiam dificuldades fatais. A democracia é o "naturalismo" em politica; o socialismo é o materialismo em economia e o fascismo é o Estado elevado á divindade em manifestações de um culto como que pagão.

Conciliação entre um governo feito para o individuo, a democracia liberal, com o socialismo de finalidade exclusivamente social, e com o fascismo, essencialmente etatista, é, qualquer que seja, efemera, e na sua maior ou menor indeterminação, terá uma tendencia inelutavel a uma dessas formas extremas. E' assim que a democracia "raciocratia" do sr. Antunes, é uma saudação ao socialismo, feita por quem considera e enamora o fascismo querendo, entretanto, ficar na democracia. E' uma attitude difficil e, por isso mesmo, a critica do autor aos diversos regimens limita-se ás "formas" dos mesmos quando, julgamos, o movel essencial destas manifestações excede todas as exteriorisações passageiras das organizações administrativas.

O presente livro explica uma attitude e é um esforço de bom senso e de moderação em meio ás apreensões do presente.

J. J. S.

ALCEBIDES DELAMARE — "*Amores da velha Guarda*" — Rio, 1933.

A face por que o autor procura estudar os caracteres é, sem duvida, a mais ingrata.

A psicologia difficil em si, torna-se como que um enigma nessas situações da vida em que, exteriorisando-se no homem as forças mais profundas e dominadoras de seu ser, arrevesando-se todas as espectativas, revolucionam-se todas as apparencias num cáos de quedas, de vôos e abismos em que tudo se distancia e transforma em uma existencia nova, algo que se não conhecia, e se não esperava. Estudar o individuo na rotina da vida diaria, em que a actividade se desenvolve nos limites de uma disciplina socialmente limitada, nada tem de difficil, pelo ritmo mesmo da habitual mecanicidade em que se realiza. Não assim, porém, quando se enxerga por outro lado da existencia em que subsistem, por inteiro, os impetos incoerciveis da vida, em que tem suas raizes, a existencia mesma do homem. Neste "lado", nem habitos, nem